



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA



ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCADORES DE INFÂNCIA
MARIA ULRICH

Organização do Espaço em Sala e o seu Papel na
Aprendizagem das Crianças.

Carla Sofia Remígio Rodrigues Brites

24988

Orientadora do Relatório:

Prof. Doutora Maria de Lourdes Estorninho Neves Mata

Coorientadora do Relatório:

Mestre Patrícia Limpo

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
submetido como requisito parcial para a obtenção do
grau de: Mestre em Educação Pré-escolar

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado sob a orientação de Prof. Doutora Maria de Lourdes Estorninho Neves Mata, apresentada no ISPA – Instituto Universitário/ESEI Maria Ulrich para obtenção de grau de Mestre em Mestre em Educação Pré-escolar, criado por Aviso n.º 11450/2015, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 195, de outubro de 2015.

DEDICATÓRIA

“Aqueles que passam por nós,
Não vão sós,
Não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si,
Levam um pouco de nós”
(Antoine de Saint-Exupéry)

Dedico este trabalho ao meu querido avô que já não está entre nós, mas que estará
sempre presente.

Agradecimentos

“Se amas a criança que em ti existe, então podes amar as crianças.” “Se podes ser infantil, podes ser Homem, podes ser Mestre.”
João dos Santos (2007).

A realização deste sonho só foi possível graças ao amor, amizade, compreensão e carinho de muitas pessoas que fizeram e fazem parte da minha vida, desta forma quero agradecer:

... aos meus avós, em especial ao meu avô que neste momento já não está presente e sem ele não teria alcançado este sonho, obrigada por me teres ajudado a ser a pessoa que sou e por todas as palavras de apoio e amor incondicional;

...aos meus pais pelo apoio imprescindível e por todas as palavras de encorajamento dadas nos momentos mais difíceis;

...ao meu marido, Rui Brites por ser uma pessoa única e por ter sido o meu pilar ao longo destes anos, pela paciência, pelo carinho, pela força e por todas as mensagens de apoio e pelas explicações a nível da formatação dos trabalhos;

...a toda a minha família e aos amigos mais próximos que sempre procuraram apoiar-me e por estarem sempre presente quando mais precisei;

...à professora Lourdes Mata, minha orientadora de relatório, um muito obrigado pela confiança que teve nas minhas capacidades, pela disponibilidade demonstrada, atenção, orientação e principalmente pelas palavras de encorajamento;

... à Rute Aguiéiras e à Carla Nascimento minhas colegas de licenciatura e de mestrado, por estarem sempre a meu lado neste longo percurso, pelo carinho, pela colaboração, por todos os conselhos dados durante esta jornada e por serem quem são;

...a todas as crianças e às famílias com quem me cruzei ao longo deste percurso, que me ajudaram a crescer como pessoa, mas também como profissional;

... a todos os professores da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich e do ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida que ajudaram na construção e aquisição de todos conhecimentos e pelas palavras ponderadas e por acreditarem nas minhas capacidades.

Resumo

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada realizada numa sala de Ensino Pré-Escolar, com um grupo de crianças entre os 4 e os 5 anos. Este trabalho, procura dar resposta à temática da organização do espaço educativo, identificando quais as hipóteses de melhoria relativamente à organização e disposição dos materiais presentes em sala.

Em Educação Pré-Escolar, a grande maioria das salas estão organizadas por áreas, desta forma é importante conhecer as áreas preferenciais por parte das crianças. No entanto desta fase crucial do desenvolvimento das crianças, é importante que as mesmas sejam estimuladas a experimentar todas as áreas presentes em sala. Desta forma foi feita uma análise reflexiva sobre a importância da organização do espaço e de que forma se podiam dinamizar as áreas menos utilizadas pelas crianças de forma a estimular a sua utilização.

O presente estudo, foi desenvolvido de acordo com a metodologia qualitativa, desenvolvendo uma abordagem de intervenção-ação, tendo utilizado diversos registos, nomeadamente, notas de campo, registo fotográfico, realização de uma entrevista à Educadora Cooperante e outra entrevista às crianças, que permitiram realizar a minha intervenção. Os resultados obtidos permitem afirmar que na maioria dos casos, ao escutar os interesses das crianças, é possível dinamizar as áreas menos utilizadas de forma a estimular a utilização das mesmas.

Palavras-Chave: Educação Pré-Escolar, Áreas da sala, Aprendizagem, Organização, Qualidade e Flexibilidade.

Abstract

This report is the result of the Supervised Teaching Practice in a Pre-school Educational room, with a group of children between four and five years old. This work aims to approach the theme of the organization of the educational space, identifying the hypothesis of improvement the organization and disposition of the materials present in the room.

In Pre-School Education, the vast majority of classroom are organized by areas, so it is important to know the preferred areas for the children. However, at this stage of learning it is important that they are encouraged to experiment all areas present in the classroom. In that way was made a reflexive analyze about the importance of the classroom organization, and what was need to improve areas that is not so preferred for the children.

The present study was developed according to the qualitative methodology, developing an action-intervention approach, using several records, namely, field notes, photographic record, interview with Cooperative Educator and another interview with children, which allowed to make this work. The results show that in most cases, when listening to children's interests, it is possible to stimulate the less used areas in order to stimulate their use

Keywords: Preschool Education, Classroom Areas, Learning, Organization, Quality and Flexibility

“Se eu considero que as crianças são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, que aprendem a partir da manipulação e da experimentação ativa da realidade e através das descobertas pessoais; se, além disso, entendo que “os outros” também são uma fonte importante de conhecimento, tudo isso terá reflexos na organização da minha sala (...)” (Zabalza, 2005, p.249)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DO ESTUDO	3
1.1. A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E A CRIANÇA: BREVE PERSPETIVA HISTÓRICA	3
1.2. EDUCAÇÃO DE QUALIDADE	7
1.3. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ESPAÇO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS..	9
1.4. A IMPORTÂNCIA DAS ROTINAS NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO	14
2. APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO EM QUE A PES FOI DESENVOLVIDA	16
2.1. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO E DOS INTERVENIENTES NA PES	16
2.1.1. <i>A Instituição e o Meio em que está inserida</i>	16
2.1.2. <i>Caracterização do grupo: as crianças da Sala das Cores</i>	17
2.1.3. <i>Caracterização da Sala das Cores</i>	18
3. DEFINIÇÃO DA PROBLEMÁTICA	31
4. OPÇÕES METODOLÓGICAS	33
4.1. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO	34
5. ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EM SALA: ANÁLISE REFLEXIVA	37
5.1. O AMBIENTE EDUCATIVO – ANÁLISE DAS CARATERÍSTICAS E POTENCIALIDADES	37
5.2. INTERVENÇÃO DESENVOLVIDA NO ESPAÇO	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
8. ANEXOS	70
8.1. GUIÃO DA ENTREVISTA REALIZADO À EDUCADORA COOPERANTE	70
8.2. QUESTIONÁRIOS REALIZADOS ÀS CRIANÇAS ANTES DA DINAMIZAÇÃO DAS ÁREAS	72
8.2.1. <i>Questionário às crianças sobre a área que mais gostam</i>	72
8.2.2. <i>Questionário às crianças sobre a área que menos gostam</i>	74
8.2.3. <i>Planificação: Construção da Garagem</i>	76
8.2.4. <i>Planificação: O Jogo dos Sinais de Trânsito</i>	77
8.2.5. <i>Planificação: Construção de um habitat para os animais</i>	80
8.2.6. <i>Horário semanal da Sala das Cores</i>	82

ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Organização das Orientações Curriculares para o Pré-Escolar.....	6
<i>Figura 2.</i> Esquema dos 9 critérios de Organização do Espaço Educativo.....	11
<i>Figura 3.</i> Planta da Sala das Cores com legenda.....	19
<i>Figura 4.</i> Área do tapete (momentos em grande grupo).....	20
<i>Figura 5.</i> Área do Jogo Simbólico	21
<i>Figura 6.</i> Área das Construções	21
<i>Figura 7.</i> Área da garagem.....	22
<i>Figura 8.</i> Área dos Animais	23
<i>Figura 9.</i> Área da Plasticina	23
<i>Figura 10.</i> Área dos Jogos Didáticos	25
<i>Figura 11.</i> Área da Biblioteca	26
<i>Figura 12.</i> Área de Trabalho	26
<i>Figura 13.</i> Imagem alusiva ao calendário do tempo e às gavetas para guardar os trabalhos.....	27
<i>Figura 14.</i> Gráfico Identificativo das áreas que o grupo mais gosta, antes da intervenção.....	41
<i>Figura 15.</i> Gráfico Identificativo das áreas que o grupo menos gosta, antes da intervenção	41
<i>Figura 16.</i> Exemplo de separadores colocados nas várias áreas	44
<i>Figura 17.</i> Imagem alusiva à realização do jogo.....	45
<i>Figura 18.</i> Imagem alusiva à atividade de construção da garagem	48
<i>Figura 19.</i> Imagem ilustrativa da atividade dos sinais de trânsito	51
<i>Figura 20.</i> Imagem do Jogo dos Sinais de Trânsito	52
<i>Figura 21.</i> Sinais feitos pelo grupo para a garagem	53
<i>Figura 22.</i> Imagens da construção de alguns dos habitats	55
<i>Figura 23.</i> Imagem do habitat Oceano	56
<i>Figura 24.</i> Imagem do habitat Selva	56

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: <i>Dia tipo da Sala das Cores</i>	28
Tabela 2: <i>Síntese de aspetos positivos e negativos de todas as áreas.</i>	38
Tabela 2: <i>Síntese de aspetos positivos e negativos de todas as áreas (Continuação).</i>	39
Tabela 3: <i>Síntese de todas as intervenções a realizar.</i>	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DQP	Desenvolvendo Qualidade em Parceria
EECERA	<i>European Early Childhood Education Research Association-EECERA</i>
EEL	<i>Efective Early Learning</i>
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
PES	Prática de Ensino Supervisionada

Introdução

O presente relatório foi realizado, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar, sendo o mesmo resultado da Prática de Ensino Supervisionada (PES) em Educação Pré-Escolar.

Como referido, o tema surgiu da prática pedagógica com um grupo de crianças do Ensino Pré-Escolar, neste caso particular tratava-se de um grupo de crianças com 4 e 5 anos. Deste modo, desde o primeiro dia de estágio, que o meu foco principal era encontrar uma situação – uma problemática, algo que precisasse de uma intervenção/melhoria. Dessa forma, as minhas observações estavam centradas nos interesses das crianças, nas suas brincadeiras, nas áreas que eles mais escolhiam para brincar e a forma como as mesmas estavam organizadas.

O presente relatório, procura dar resposta à temática da organização do espaço, identificando quais as possibilidades de melhoria relativamente à organização e disposição dos materiais presentes no espaço educativo.

No desenvolvimento da minha atividade profissional deparei-me com algumas dificuldades relativamente à organização do espaço em sala de aula, mais concretamente na organização das áreas de interesse e dos materiais presentes em sala. O grupo na maioria das vezes concentra-se em duas áreas presentes na sala, na área do Jogo Simbólico (área da casinha e da mercearia) e na Área das Construções, originando a sobrelotação dessas áreas e consequentemente todas as outras áreas ficavam sem crianças.

Sabendo que a organização do espaço em sala, tem o dever de contribuir para a qualidade de aprendizagem das crianças, como tal é relevante refletir de forma a compreender melhor a importância da organização do espaço e qual a sua importância no processo de aprendizagem das crianças (Cunha, 2013). Por outro lado, é importante o espaço estar organizado de forma a responder às necessidades e interesses do grupo (Calha, 2011). Assumindo que a organização do espaço deve respeitar as dinâmicas e rotinas do grupo, é importante o papel do educador de forma a conseguir planejar e organizar o espaço educativo (Silva et al, 2016).

Desta forma, foi realizada uma análise reflexiva sobre a importância da organização do espaço e qual o seu papel na aprendizagem das crianças. Assim coloquei quatro questões de partida, que pretendo ver respondidas com este RPES.

- Qual a importância da sala estar dividida por áreas?

- Todas as áreas são procuradas igualmente por parte das crianças? Quais as razões para uma maior ou menor escolha?
- Devemos atribuir estratégias e normas para a utilização de cada área?
- Como podemos dinamizar essas áreas para uma procura equilibrada de forma a responder aos interesses e necessidades das crianças?

O presente estudo, foi desenvolvido de acordo com a metodologia qualitativa, desenvolvendo em particularidade uma abordagem de intervenção-ação. Dessa forma, ao longo da PES, foram realizadas várias observações, através das quais fui realizando diversos registos, nomeadamente, notas de campo, registo fotográfica de ações/acometimentos que tiveram relevância ou que promoveram algum tipo de alteração à organização e disposição dos materiais presentes no espaço educativo, e também as brincadeiras livres e atividades orientadas feitas com o grupo e que permitiram realizar a minha intervenção.

Relativamente à sua organização, o presente relatório está organizado em oito capítulos. O primeiro capítulo denominado de Enquadramento Teórico do Estudo, é constituído por alguns conceitos teóricos sobre a Educação Pré-escolar e sobre a organização e gestão do espaço educativo. No segundo capítulo, intitulado Apresentação do Contexto em que a PES foi desenvolvida, é feita a descrição da instituição e do meio envolvente, é feita a caracterização do grupo e descrita a organização da sala. Seguindo-se o terceiro capítulo, Descrição da problemática, onde tal como o nome indica é apresentada a descrição das principais preocupações e questões que se levantaram relativamente à organização e gestão do espaço, decorrentes não só do contexto de estágio, como também de alguma literatura sobre o tema. No quarto capítulo, designado por Opções Metodológicas, encontra-se discriminada a identificação do método utilizado, e os instrumentos de recolha de dados. No quinto capítulo, Organização do Espaço Educativo em sala: Análise Reflexiva, é feita uma análise reflexiva ao ambiente educativo e é descrita da intervenção desenvolvida ao longo da PES. No sexto capítulo, Considerações Finais, estão apresentadas as conclusões sobre o presente estudo. No sétimo capítulo, estão identificadas todas as referências bibliográficas que serviram de base para o presente estudo, por fim, o último capítulo, Anexos, são apresentados os guiões das entrevistas realizadas e o horário semanal da sala onde a PES foi realizada.

1. Enquadramento teórico do estudo

1.1. A Educação Pré-escolar e a Criança: Breve Perspetiva Histórica

Segundo Vasconcelos (2009) é possível afirmar que existiram cinco períodos marcantes na evolução histórica da educação de infância em Portugal, sendo eles o período final da monarquia, a Primeira República, o período Salazarista, a refundação da Democracia e a fase do alargamento e expansão através do Projeto de Cidadania.

Na segunda metade do século XIX, com o intuito de definir uma especialização às crianças em idade pré-escolar (0 e os 6 anos de idade) foram criados diplomas legais (nomeadamente leis, decretos-lei entre outros) (Vasconcelos, 2009).

No período final da monarquia (1834-1909) foi dado um passo de grande importância para Educação de Infância com a inauguração em 1882 no Jardim da Estrela, em Lisboa, do primeiro jardim-de-infância Froebel. No ano de 1896, surgiu o primeiro programa oficial para as escolas infantis, como seria de esperar com uma clara influência froebeliana onde se deviam “suprir as condições educativas do meio doméstico, favorecer o desenvolvimento físico das crianças, e inculcar-lhes todos os bons hábitos e sentimentos em que seja possível educá-las” (Vasconcelos, 2009).

Foi durante a Primeira República (1910-1931) que ocorreu o segundo período marcante na evolução da educação infantil. Este período está associado a uma nova conceção da educação infantil, deixando de ser vista como uma preparação para o ensino, começando a ser vista como uma forma de valorizar a criança tendo em consideração as suas características psicológicas, estando fortemente influenciada pelas metodologias de Froebel e Montessori (Vasconcelos, 2009).

Ainda durante o segundo período evolutivo foram criados os Jardins Escola João de Deus, criados por João de Deus Ramos e que se caracterizam por ser “um modelo português de escola infantil, segundo o espírito e a doutrina da cartilha Maternal, para crianças de quatro a oito anos de idade” (Vasconcelos, 2009).

O início do Estado Novo (1926-1974) representa o terceiro período da evolução da educação infantil, este marco é visto como um retrocesso na evolução ao nível da educação infantil, uma vez que as escolas infantis existentes até então, foram fechadas em 1937. Tendo

o ensino infantil sido entregue à iniciativa privada, através da criação da Obra das Mães pela Educação Nacional, cuja intenção era devolver às mães o papel tradicional de “fada do lar” (Vasconcelos, 2009).

O quarto grande período é denominado por pós 25 de abril (1975-1995), e é marcado pela criação de legislação que visava criar condições para melhorar a educação (Vasconcelos, 2009). No ano de 1977 é publicada a legislação que demarca que a educação pré-escolar deve “favorecer o desenvolvimento harmonioso da criança (...) contribuir para corrigir os efeitos discriminatórios das condições socioculturais no acesso ao sistema escolar” (Vasconcelos, 2009). Em 1979 é publicado o Estatuto dos Jardins de Infância no Decreto de Lei nº 542/79 de 31 de dezembro, sendo que esse decreto estabelece as normas, regras de funcionamento, as finalidades e os objetivos.

No ano de 1994, foi elaborado o Parecer nº 1/1994 do Conselho Nacional de Educação, deu-se início ao quinto período marcante. Este parecer permitiu descrever todas as necessidades para a obtenção de uma educação de qualidade. De forma a dar continuidade ao trabalho realizado na conceção do parecer 1/1994, existiu a necessidade de elaborar um documento “de referência comum para todos os educadores da Rede Nacional de Educação Pré-escolar”, constituído por um “conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças” (Departamento Educação Básico, 1997, p.13).

Com as mudanças na política educativa portuguesa relativamente ao ensino pré-escolar, surge em 1996 o último período marcante na educação, e de forma a dar continuidade às mudanças introduzidas, existiu a necessidade de elaborar um documento “de referência comum para todos os educadores da Rede Nacional de Educação Pré-escolar”, constituído por “conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças”. (Departamento Educação Básico, 1997, p.13).

O documento em causa, foi criado pela equipa ministerial para a educação pré-escolar, tendo surgido no ano de 1997 as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), onde foi identificada a necessidade de criar medidas que permitam garantir o controlo da qualidade do trabalho realizado nas escolas (Katz, Ruivo, Silva, & Vasconcelos, 1998, p. 114). As OCEPE têm como finalidade, ser um “ponto de apoio para uma educação pré-escolar enquanto primeira etapa de educação básica, estrutura de suporte de uma educação

que se desenvolve ao longo da vida” (Ministério da Educação, 1997, p. 7) tendo sido responsável pelo auxílio prestado aos educadores ao longo das suas práticas educativas, ajudando-os no seu dia-a-dia. De uma forma sucinta “As Orientações Curriculares constituem um conjunto de princípios para apoiar o educador nas decisões sobre a sua prática, ou seja, para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças” (Ministério da Educação, 1997, p. 13). Ou seja, permite que o educador tenha uma pedagogia estruturada, organiza, diferenciada, inclusiva, e intencional, tendo por base uma educação de qualidade no que concerne à individualidade de cada criança (Fitas, 2012, p.18).

A criação das OCEPE, levantou outra questão, pois para além de criar leis que fomentem uma educação infantil de qualidade, foi necessário formar profissionais que promovessem essa mesma qualidade. Inspirado no projeto *Effective Early Learning* (E.E.L.), iniciado em 1993 por Christine Pascal e Anthony Bertram, no Reino Unido, onde tinha como principal objetivo o apoio à monitorização da qualidade da educação pré-escolar (Pascal & Bertram, 1999). Surge em Portugal através da Associação Europeia de Investigação em Educação de Infância (*European Early Childhood Education Research Association-EECERA*) foram várias redes de formação, intervenção e pesquisa por todo o país de forma a criar condições para implementação do projeto Desenvolvendo Qualidade em Parcerias (DQP) que visa adaptar o EEL à realidade Portuguesa (Oliveira-Formosinho, 2009)

Desenvolver a Qualidade em Parcerias é um documento que tem por base um modelo de avaliação e desenvolvimento de qualidade, o mesmo possui duas abordagens, “a qualidade da relação educativa entre a criança e o adulto e ajudar os profissionais da educação de infância a olharem para o processo de ensino/aprendizagem de uma forma crítica, refletida e informada” (Luís & Calheiras, 2009, p 21).

Tal como referem os autores o DQP visa apoiar a autoavaliação dos profissionais e a melhoria dos contextos educativos para as crianças mais novas (Bertram & Pascal, 2009). As grandes finalidades do DQP são assim:

- “Desenvolver uma estratégia eficiente para avaliar e melhorar as oportunidades e qualidade de aprendizagem das crianças numa grande variedade de contextos de educação pré-escolar.
- Implementar um processo colaborativo, sistemático, rigoroso de autoavaliação que é apoiado e validado externamente” (Bertram & Pascal, 2009, p.35).

Desta forma a Educação Pré-Escolar assumiu um papel ainda mais relevante dando ênfase ao papel que o educador tem no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Com o passar dos anos, e de forma a acompanhar a evolução e as exigências da sociedade atual existiu a necessidade de as OCEPE serem revistas de forma a poderem dar respostas a todas as exigências da sociedade moderna assim sendo, “a revisão das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, que agora se publica, resulta de um trabalho de avaliação das necessidades de visitar este documento, atualizando-o, beneficiando das cerca de duas décadas de aplicação e da auscultação de muitas instituições e indivíduos” (Costa, 2016, p.4).

O novo documento, referente às OCEPE, foi publicado no ano de 2016 (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), o mesmo manteve os mesmos princípios e fundamentos do documento anterior, foi apenas alterada a estrutura no que diz respeito às áreas de conteúdo conforme se verifica na seguinte imagem:

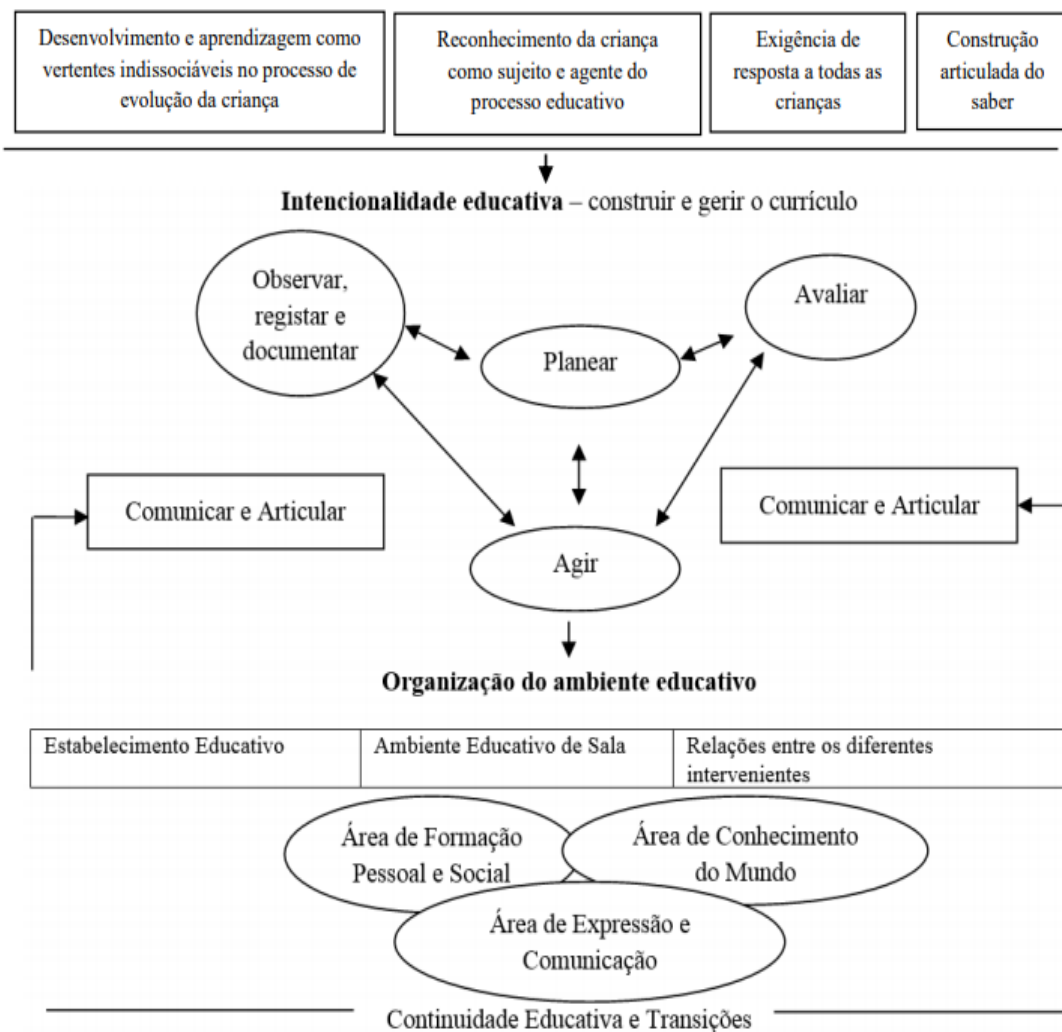


Figura 1. Organização das Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (Silva et al, 2016)

Para além das alterações verificadas anteriormente foram ainda inseridas novas aprendizagens a promover com exemplos práticos e sugestões de reflexão, permitindo assim que os educadores de infância tenham mais facilidade no seu manuseamento e de colocar as aprendizagens que deverão fomentar nas crianças de uma forma simples e respeitando a individualidade de cada criança (Silva et al, 2016).

Como é possível constatar, ao longo da história e evolução da sociedade, é possível verificar uma evolução constante da educação, visando acompanhar as exigências da sociedade, modificando-se e adaptando-se sempre que necessário às exigências da mesma, e evoluindo e sendo cada vez mais criteriosa de forma existir uma educação de elevada qualidade. Pois uma sociedade para evoluir tem de estar alicerçada numa educação de qualidade que possa capacitar as crianças a evoluírem e a serem capazes de no futuro corresponderem às necessidades da sociedade atual.

1.2. Educação de qualidade

Um ambiente de qualidade é extremamente importante para a criação de um clima positivo e harmonioso nas aprendizagens das crianças. A aprendizagem é eficaz quando as crianças estão envolvidas num ambiente acolhedor, que lhes permita ter controlo sobre ele. Um ambiente de qualidade potencializa diversos estímulos nomeadamente físicos, sensoriais e psicológicos (Domènech & Viñas, 1997), permitindo o desenvolvimento da criança, conforme referido por Silva et al (2016, p.21) “o desenvolvimento humano constitui um processo dinâmico de relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive”.

Criar um ambiente de qualidade é importante na educação infantil pois permite às crianças a oportunidade de realizarem escolhas, tomarem decisões, explorarem e manipularem objetos que por sua vez permite que desenvolvam a linguagem e o pensamento crítico. Um ambiente de qualidade será relacionado com um ambiente que envolva todos os aspetos da aprendizagem ativa. De forma a permitir que todas as crianças tenham uma voz ativa na tomada de decisões, e as considera “como uma pessoa com agência, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes e cultura, que participa como pessoa e como cidadão na vida da família, da escola, da sociedade” (Oliveira-Formosinho, 2008, p. 33).

Zabalza (1998, p.43) definiu três dimensões básicas da qualidade na educação, que denomina como conteúdos de qualidade, sendo eles: a qualidade ligada aos valores, onde a

qualidade é atribuída de acordo com os valores que a instituição defende; a qualidade ligada à afetividade, onde concede a qualidade ao tipo de instituição, ou dos resultados obtidos e a qualidade ligada à satisfação de todos os participantes envolvidos no processo educativo

Portugal (2000, p.6) afirma, “embora ninguém discorde que a qualidade é importante, existe pouca unanimidade relativamente ao que se entende por qualidade. As definições de qualidade dependem dos grupos que as emitem, refletindo diferentes crenças, valores e necessidades”. Assim, definir o que é uma educação de qualidade não se revelou uma tarefa fácil, e para o comprovar, basta verificar que ao longo dos anos foram sendo estabelecidos vários conceitos de forma a procurar a sua correta definição. Sousa (1998, citado por Moura, s.d.) refere que:

Apesar de a qualidade ser algo muito importante na vida de todos nós, nem sempre paramos para pensar sobre isso. De certa forma, parece mais fácil exigir, falar sobre ou reconhecer a qualidade – num dado produto ou serviço ou num programa, numa pessoa ou numa equipe de trabalho, do que defini-la. E por que essa dificuldade? Acredito que ela decorre de uma série de fatores que se interpenetram, começando com a natureza ambígua, multidimensional e subjetiva do termo qualidade (p.141).

A afirmação anterior realça a clara dificuldade em definir o termo qualidade por si só, e debater o assunto qualidade na educação revela-se, igualmente, uma tarefa complicada pois existem vários fatores que estão presentes quando falamos em qualidade na educação, nomeadamente a gestão, a formação de professores, a interação entre a família e a escola, e não menos importante a organização do espaço educativo (Moura, 2009).

O espaço educativo e a forma como ele está organizado e apetrechado, reflete o tipo de abordagem educativa e tem subjacente o quê aprender e como aprender (Silva et al, 2016). Neste sentido as OCEPE (Silva et al, 2016) ao longo do documento, nas sugestões para o educador, ilustram diferentes aspetos da organização do ambiente educativo, para as diferentes áreas e domínios. Para além disso, também existe uma referência explícita à organização do espaço, no capítulo da organização do ambiente educativo da sala. Aí esta organização é apresentada, não de uma forma estática, mas como flexível, ajustando-se às características e necessidades do grupo “A reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação dos espaços permite que a sua organização vá sendo modificada, de acordo com as necessidades e evolução do grupo. Esta reflexão é condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças” (Silva et al, 2016).

1.3. Organização e Gestão do Espaço no Processo de Aprendizagem das Crianças

“O ambiente educativo é um educador à disposição tanto da criança como do adulto. Mas só será isso se estiver organizado de um certo modo. Só será isso se estiver equipado de uma determinada maneira” (Zabalza, 1998, p. 239).

A organização e a gestão dos espaços organizados em sala devem contribuir para a qualidade de aprendizagem das crianças, daí ser tão importante falar sobre esta questão e procurar compreender melhor a importância dessa organização e como a mesma poderá influenciar as aprendizagens das crianças (Cunha, 2013).

O espaço deve estar organizado com base numa intencionalidade educativa, de forma a responder às necessidades e interesses das próprias crianças (Calha, 2011). A organização está intimamente ligada com as intenções do educador e deve respeitar as dinâmicas e rotinas do grupo, dessa forma é indispensável que o educador se interrogue sobre qual a sua função, quais as finalidades e o tipo de utilização que o espaço irá ter, pois só com base nestes pressupostos conseguirá planear e organizar o espaço educativo (Silva et al, 2016).

Por outro lado, é importante que o educador tenha noção que os materiais devem estar ao alcance das crianças, de forma a permitir que as crianças tenham mais autonomia, devendo, contudo, respeitar alguns aspetos que garantam a sua segurança na utilização do espaço. Alguns autores defendem que a disposição e organização do espaço afetam tudo aquilo que uma criança poderá desenvolver e realizar nesse mesmo espaço, afetando de uma forma direta o grau de atividade de cada criança e conseqüentemente do grupo, a forma como o espaço se encontra organizado tem influência direta nas relações interpessoais de todo o grupo (Hohmann, Banet & Weikart, 1995).

Desta forma, para garantir uma educação de excelência, o educador deve ter sempre em consideração a organização do espaço, pois, como referido anteriormente, a disposição e organização do mobiliário e dos materiais presentes em sala influenciam o processo de aprendizagem. O educador deve-se interrogar sobre as finalidades educativas tanto da organização do espaço como a gestão dos recursos existentes em sala, permitindo planear e fundamentar a razão das escolhas que faz bem como das atividades que irá desenvolver. De

acordo com Zabalza (1998, p. 237): “O ambiente da sala é muito mais do que um lugar para armazenar (...). Cuidadosamente e organizadamente disposto, acrescenta uma dimensão significativa à experiência educativa (...) facilitando as atividades de aprendizagem, promovendo a própria orientação, apoiando e fortalecendo, o desejo de aprender”.

Assumindo que uma educação de qualidade tem como princípio base a satisfação das necessidades básicas de cada criança. Como tal é importante que os espaços sejam desenvolvidos para garantir o correto desenvolvimento das crianças, dessa forma o educador deve procurar fazer uma correta organização dos mesmos para proporcionar às crianças aprendizagens significativas (Moura, 2009).

De acordo com o Ministério da Educação (1997) pode existir uma grande diversidade relativamente aos espaços de educação pré-escolar, contudo os tipos de materiais utilizados e a sua organização são decisão do educador em sala. Como tal não existe um modelo do espaço, este deve ser criado em função do grupo de crianças que irá acolher, de forma a criar espaços que sejam desafiadores para as crianças, dessa forma deverão ser seguidos alguns critérios para criar um espaço funcional, flexível e estimulante de forma a poder acompanhar e modificar-se consoante a evolução do grupo presente em sala.

A complexidade na conceção e organização do espaço, está bem patente no trabalho desenvolvido por Iglesias (1996). Segundo este autor, para que a organização do espaço possa favorecer aprendizagens diversas, deverão ser respeitados nove critérios, nomeadamente; criação de zonas distintas de acordo com os gostos e interesses do grupo, delimitação clara das zonas, a flexibilidade, a autonomia, a segurança dos materiais e equipamentos, a diversidade do espaço, a versatilidade do espaço, a sensibilidade estética e a pluralidade do espaço, conforme pode ser observado no seguinte diagrama.

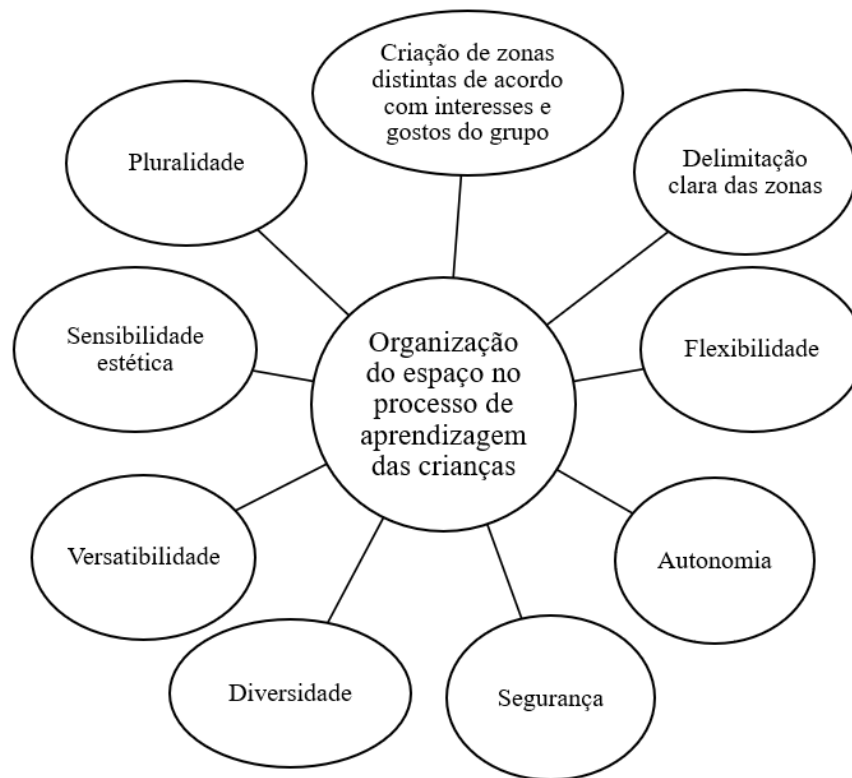


Figura 2. Esquema dos 9 critérios de Organização do Espaço Educativo (Iglesias, 1996)

O primeiro critério defende a criação de zonas distintas, tendo em consideração os interesses, os gostos e as necessidades do grupo. Dessa forma, cada uma das zonas deverá estar devidamente equipada, com materiais diversificados de forma a caracterizar e diferenciar cada uma das áreas existentes. O autor defende ainda que este critério favorece a capacidade de iniciativa e interação social.

A delimitação clara das zonas, surge como segundo critério, ou seja, o espaço encontra-se bem organizado, estando as zonas bem definidas. Este critério permite que as crianças consigam identificar, de uma forma relativamente fácil, os limites de cada área. Para criar estas limitações, o educador pode recorrer a móveis e equipamentos adaptados às crianças, pois recorrendo a esse tipo de materiais é permitido à criança que possa olhar e observar tudo em seu redor e optar pela área que quer efetivamente brincar. Na delimitação de zonas é importante que o educador consiga ter a perceção necessária para separar as zonas calmas das zonas mais ativas. Para além dessa separação, o educador deverá manter ligadas áreas que comunicam entre si, como por exemplo a área da casinha faz sentido permanecer perto da área da mercearia, pois para além de serem duas áreas ativas a nível físico, ambas desenvolvem brincadeiras de faz de conta, e encontram-se em plena simbiose pois ao brincar na casinha as crianças necessitam de cozinhar e para o fazer têm de ir “comprar” os alimentos à mercearia.

Considerando que as crianças estão em processo de evolução e desenvolvimento constantes, podendo dessa forma mudar os seus interesses e gostos, surge como terceiro critério a flexibilidade do espaço. Na mesma linha de pensamento, também Hohman e Weikart (2009) afirmam que uma sala organizada permitirá uma resposta rápida e eficaz às mudanças de interesses das crianças, por outro lado Domènech e Viñas concordam com as afirmações de Iglesias (1996) na medida em que defendem que a flexibilidade dos equipamentos permite que os mesmos possam ser adaptados às necessidades das crianças.

A organização do espaço, deve desenvolver a autonomia das crianças, sendo este considerado por Iglesias (1996) como sendo o quarto critério. A autonomia está diretamente relacionada com a acessibilidade do espaço, desta forma é importante que o espaço se adeque ao tamanho das crianças em sala, devendo para isso utilizar mobiliário especializado. Não obstante da necessidade de possuir material adaptado, os materiais devem estar dispostos de forma proporcionar a sua liberdade de ação, considerando que o desenvolvimento da autonomia é um processo natural que deve ser estimulado (Domènech & Viñas, 1997).

A segurança dos materiais, surge como quinto critério, e tal como o nome indica defende que os materiais presentes no espaço educativo devem atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na sua funcionalidade, versatilidade, durabilidade permitindo que as crianças se sintam seguras. A segurança é um aspeto crucial na organização do espaço em sala, segundo Zabalza (1996, citado em Cunha, 2013, p. 9), “está diretamente relacionada com o prazer, sentirem-se bem no espaço, não tendo medo nem receio de arriscar e se deixar envolver pelo ambiente que as envolve.”. É importante existir um ambiente seguro pois permitirá promover uma aprendizagem ativa por parte das crianças.

O sexto critério que deve ser considerado é a diversidade do espaço. Para Iglesias (1996) a diversidade assume diferentes níveis, tendo em conta que pretende dar resposta aos mais variados interesses das crianças. Desta forma a diversidade do espaço está dividida em quatro níveis, nomeadamente o nível estrutural; agrupamento; posição corporal e conteúdo.

O primeiro está associado às diferentes áreas de interesse, ou seja, cada área apresenta uma exploração diferente, pelo que as crianças têm que desenvolver estratégias de resolução de problemas, de iniciativa e de criatividade. A diversidade de agrupamentos diz respeito à existência de espaços amplos que permitem desenvolver atividades em grupo quer seja pequeno grupo, grande grupo ou individualmente. Numa sala é importante existirem espaços que permitam uma exploração a vários níveis corporais, quer seja em pé, sentado, plano

horizontal, em suma diferentes práticas de ação a nível de movimento. Pois são crianças e como tal cansam-se de estar demasiado tempo na mesma posição. Por último a diversidade do espaço na categoria do conteúdo, ou seja, todos os espaços têm diversas áreas que oferecem distintas atividades.

O sétimo critério referenciado por Iglesias (1996) é a versatilidade do espaço, por outras palavras, o espaço deve estar organizado para que possibilite várias formas de utilização. Um exemplo claro dessa versatilidade é a área do tapete que num dia pode servir para ouvir uma história e no outro pode ser transformado na área das construções, esta versatilidade permite às crianças utilizar determinada área da forma que mais lhe agrada.

O penúltimo critério evidenciado é o da sensibilidade estética. Este defende que um ambiente bonito onde as crianças se sintam bem e gostem do espaço envolvente irá facilitar o seu desenvolvimento (Iglesias,1996). Dessa forma as cores, a decoração do espaço e a forma como os seus trabalhos serão expostos despertará o sentido de observação das crianças, potenciando o sentido de criatividade e originalidade.

Por fim o último critério designado por Iglesias (1996) é a pluralidade do espaço, onde mais uma vez somos remetidos para a multiplicidade, a pluralidade e a diversidade, mas no domínio mais pessoal. Ou seja, o espaço deve ser organizado de forma a integrar as diversidades pessoais, étnicas e culturais de todas as crianças presentes no grupo, este objetivo poderá ser atingido inserindo materiais do quotidiano de cada criança.

O conjunto de critérios referenciados podem ser assumidos como orientações gerais que devem ser tidas em conta, quando estamos a efetuar a organização do espaço. Um espaço de qualidade é aquele que consegue ser confortável para as crianças, mas ao mesmo tempo consegue desafiá-las a adquirir novas competências e novos conhecimentos, desta forma a organização do espaço é de grande importância (Pablo & Truebla, 1994).

Segundo Cunha (2013) para além destes critérios, a organização do espaço é também influenciada por alguns elementos que as condicionam, mais concretamente as estruturas fixas presentes na sala e que não podem ser alterados, por exemplo a disposição das janelas, condiciona a zona onde deve ser colocado o cantinho da leitura (precisa de uma boa luminosidade), os armários e as estantes irão condicionar as zonas de arrumação, a sua dimensão também irá condicionar a quantidade e o tipo de mobiliário a utilizar.

Por outro lado, o espaço pedagógico é muito influenciado pelas crianças, pela sua idade e as suas características individuais, dessa forma é importante que o educador tenha em linha

de conta esses fatores, de forma a criar condições para que o espaço da sala possa cumprir com qualidade a sua função.

Cardona (2007, p.11) diz-nos que “o processo ensino-aprendizagem depende em grande parte da forma como o trabalho é planeado, da organização do ambiente educativo, da forma como esta condiciona a organização do grupo, da forma como a partir desta organização se dinamizam as atividades possíveis de serem realizadas pelas crianças”. De facto, o ambiente em que a criança se encontra na educação pré-escolar é de extrema importância, pois é nesse mesmo ambiente que a criança irá alargar os seus conhecimentos e, assim, tirar partido das “(...) trocas entre os diferentes elementos do grupo, a interação social, a exploração e aprendizagem” (Vasconcelos, 1998, p.147).

É possível concluir, por tudo o que foi referenciado, que a organização do espaço influencia de forma inequívoca a ação da criança, e conseqüentemente o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem. Desta forma é possível afirmar que as crianças necessitam de um espaço que comunique com elas, que as desafie, que lhes transmita conforto e segurança, para poderem realizar as suas experiências, onde se podem movimentar livremente, podendo construir e experimentar teorias, trabalhar em grupo ou sozinhas (Hohmman, Banet & Weikart, 1995). Desta forma, existe uma clara evidência que a organização do espaço é essencial quando pretendemos construir um ambiente educativo de qualidade, uma vez que afeta e condiciona todas as ações das crianças (Pablo & Trueba, 1994).

As crianças necessitam de espaço para se movimentarem livremente de forma a brincar, explorar, recriar, imaginar bem como realizar aprendizagens variadas. Sendo que as áreas devem criar ambientes que correspondam às necessidades das crianças de acordo com o seu desenvolvimento.

1.4. A importância das Rotinas na Organização do Espaço

A Rotina oferece à criança múltiplas aprendizagens e segurança, para que consiga explorar os vários espaços presentes em sala ou fora dela (Zabalza, 1992). As rotinas são consideradas elementos repetitivos no dia-a-dia das crianças, sendo eles, a hora do acolhimento, a marcação de presenças, a hora do conto, a canção dos bons dias, o reforço alimentar da manhã, as atividades planeadas, as brincadeiras livres, a hora de almoço, a hora da higiene. Estas tarefas acontecem sempre antes ou depois de algo e de uma forma organizada, apresentam benefícios para os educadores e para as crianças, no caso dos educadores ajuda-os

a organizar o dia-a-dia em sala, e às crianças ajuda-as a confiar nos seus educadores e a reduzir a sua ansiedade, permitindo que se concentrem em disfrutar das experiências e aprendizagens em sala (Cordeiro, 2012).

Zabalza (1998) refere que a rotina é importante porque é um marco de referência que quando é “apreendido dá uma grande liberdade de movimentos, tanto às crianças como ao educador”. O autor referencia ainda que a rotina desempenha um papel muito importante na captação da noção temporal, permitindo que a criança aprenda e compreenda que existem horas do dia para realizar determinadas tarefas permitindo compreender as várias fases do dia de uma forma organizada.

É importante referir, que o educador tem à sua disposição variadíssimas formas de organizar e gerir as rotinas na sala, devendo o educador motivar as crianças para a aprendizagem. Como tal, quando procura organizar a sala tem de ter em linha de pensamento que as crianças em idade pré-escolar necessitam de segurança e de estabilidade emocional, devendo por isso organizar a sala de forma a satisfazer essas mesmas necessidades.

Na área da educação infantil, existe uma relação estreita entre a gestão temporal (rotinas) e a gestão e organização do espaço, devendo por isso o espaço modificar-se e adaptar-se às necessidades das crianças de acordo com as rotinas instituídas não só em sala, mas também na instituição em que a sala se encontra inserida (Craidy & Kaerch, 2001). Esta simbiose entre a gestão temporal e a gestão do espaço físico, está diretamente relacionada com o facto da distribuição do tempo estar diretamente relacionada com a organização do espaço e com as experiências e oportunidades educativas por si proporcionadas. O Educador deverá ter sempre presente que a articulação entre o espaço e o tempo deverão estar adequadas às características do grupo e às necessidades de cada criança (Ministério da Educação, 1997).

2. Apresentação do Contexto em que a PES foi desenvolvida

2.1. Caracterização do Contexto da Instituição e dos Intervenientes na PES

2.1.1. A Instituição e o Meio em que está inserida

A instituição encontra-se situada numa zona histórica da cidade de Lisboa, mais concretamente no coração de uma das suas freguesias mais antigas, ficando situada no centro histórico de Carnide.

Inicialmente foi fundada com o intuito de servir de abrigo a raparigas abandonadas e em risco, tem evoluindo de forma significativa, procurando acompanhar as necessidades da sociedade portuguesa no geral e em particular procura responder às necessidades da freguesia na qual está inserida.

A instituição é uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) de cariz católico existe há mais de setenta anos, preocupando-se com o bem-estar geral da população envolvente, tendo especial atenção pela população mais carenciada. Neste momento procura dar resposta e apoio ao desenvolvimento das crianças, através da sua valência em creche e jardim-de-infância, estando a funcionar de segunda a sexta-feira das 07:30 às 19:30 durante todo o ano letivo, excetuando o mês de agosto, em que se encontra encerrada para férias dos funcionários.

A instituição atualmente acolhe 120 crianças, com idades compreendidas entre os 4 meses e os 5 anos de idade, mantendo como objetivo apoiar a comunidade mais carenciada algumas destas crianças são encaminhadas pela Segurança Social ou da Santa Casa através dos protocolos estabelecidos entre estas instituições e a IPSS.

A instituição contém dois edifícios, o mais antigo também conhecido por Palacete possui seis salas, na parte superior do edifício estão as três salas do jardim-de-infância e no piso inferior existe uma sala de creche, uma de jardim-de-infância e uma de ensino pré-escolar, em ambos os pisos existe casa de banho quer para as crianças, quer para os adultos. Este edifício possui ainda dois refeitórios e uma cozinha onde são confecionadas as refeições, existindo ainda um pátio exterior comum a todas as salas.

O outro edifício, é mais recente pois foi inaugurado em 2011 para responder à crescente necessidade da comunidade, onde foram criadas as valências de berçário e foram criadas mais duas salas de creche, este edifício possui também um refeitório é aqui que se encontra a secretaria da instituição.

Ambos os edifícios têm material didático adequado às idades das crianças, bem como material de apoio às suas necessidades.

2.1.2. Caracterização do grupo: as crianças da Sala das Cores

“Há diferentes fatores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades ou a dimensão do grupo”. (Silva et al, 2017, p.1)

A sala das Cores é constituída por um grupo homogéneo de 25 crianças, 15 elementos do sexo feminino e os restantes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, contudo até ao fim do presente ano letivo todas as crianças completarão os 5 anos de idade. A maioria das crianças, que constituem o grupo, frequentam a instituição desde o berçário ou desde a sala de 1 ano.

Todas as crianças do grupo parecem estar ambientadas relativamente às rotinas, ao espaço e as relações interpessoais com os adultos presentes, não só em sala, mas em toda a instituição. É possível afirmar que estamos perante um grupo que revela bastante cumplicidade entre si, promovendo uma relação de amizade entre a maioria das crianças do grupo. Apesar do grupo ser bastante unido, existem pequenos conflitos interpessoais, normalmente relacionado com a partilha de brinquedos ou de espaço, sendo curioso observar a forma como algumas crianças protegem os seus amigos ou as crianças com quem têm uma melhor afinidade.

Analisando o grupo, relativamente ao desenvolvimento da linguagem, é possível afirmar que a maioria denota capacidade para estabelecer comunicação, não só com as outras crianças, mas também com os adultos presentes em sala. São capazes de manter diálogos coerentes entre si, revelando capacidade de compreensão da língua. Existem alguns elementos que revelam uma maior capacidade de diálogo que acabam por dinamizar as conversas existentes em sala.

Todos os elementos do grupo já possuem um desenvolvimento motor adequado à sua faixa etária, deste modo já realizam deslocamentos fora da sala de aula, permitindo explorar novos espaços. As crianças já são autónomas e independentes em relação à alimentação, idas à casa de banho e são capazes de se vestir sem auxílio de um adulto.

É um grupo bastante participativo e harmonioso, que demonstra bastante interesse nas atividades que lhes são propostas. Sendo um grupo que gosta de realizar novas experiências, apreciam histórias, canções e jogos de construções. Outro interesse bastante evidente são os jogos, mais especificamente os de construção e os puzzles, sendo estes facilitadores do desenvolvimento. Geralmente juntam-se em pequenos grupos e fazem construções com legos muito originais.

No geral, são um grupo que revela um grande espírito de entreajuda, e gostam que lhes sejam atribuídas tarefas com alguma responsabilidade, como por exemplo, ir à cozinha pedir o reforço da manhã ou dar a contagem das crianças para o almoço. Revelando ainda laços de amizade fortes e preocupação para com os seus amigos

2.1.3. Caracterização da Sala das Cores

A Sala das Cores encontra-se situada no rés-do-chão junto às casas de banho e ao pátio exterior. Sendo a mesma constituída por duas salas distintas, a sala das brincadeiras e a sala de trabalho encontram-se ligadas por duas portas, como pode ser observado na figura nº3. As duas salas são de formato retangular com uma janela e uma porta voltadas para o exterior, possuem uma boa iluminação quer natural quer artificial.

Nota de Campo Nº 2

Dia: 11/10/2017

Contexto Observado: Breves anotações referentes à sala.

O espaço encontra-se organizado de uma forma intencional promovendo a dinâmica do grupo, a autonomia, a socialização estando assim dividido por várias áreas, contudo algumas das áreas da sala encontram-se pouco dinamizadas o que as torna pouco atrativas.



Figura 3. Planta da Sala das Cores com legenda

Área do Tapete - É uma área bastante utilizada para momentos de grande grupo, onde existem momentos de discussão, de partilha de experiências, momentos de aprendizagem, leitura de histórias, canções, lengas-lengas, entre outras. Por outro lado, existem muitas atividades realizadas que têm início nesta área, a partir de uma história ou de um interesse demonstrado pelo grupo. É também neste local que se come o reforço da manhã, sendo esta

uma área presente nas rotinas do grupo, pois é utilizada, não só em momentos de brincadeira livre, mas também na realização de algumas atividades. Na figura nº 4 é possível visualizar uma imagem ilustrativa da área do tapete.



Figura 4. Área do tapete (momentos em grande grupo)

Área do Jogo Simbólico (área da casinha e da mercearia) - É um espaço que permite à criança entrar no mundo da imaginação, desempenhando diversos papéis e interagindo sobre os mais variados contextos e experiências.

Nesta área existem três espaços distintos nomeadamente: a cozinha, a mercearia e um pequeno quarto com duas camas. Os espaços e os materiais presentes nestas áreas encontram-se organizados de forma a facilitar as interações em pequenos grupos, na figura nº 5 é possível visualizar uma fotografia da área descrita.

Na área da casinha é possível encontrar vários utensílios desde tachos, copos, pratos, talheres, uma mesa e cadeiras, ou seja, tudo o que é expectável encontrar em qualquer cozinha que faça parte do quotidiano das crianças. Nesta área encontra-se ainda um pequeno quarto com duas camas para colocar os bonecos, existe ainda um carrinho de mão que por vezes as crianças passeiam os bonecos ou mesmo os colegas.

A área do jogo simbólico é uma das áreas favoritas do grupo, por se tratar de um grupo bastante criativo e imaginativo pois dispõem de diversos materiais que acabam por despertar o interesse das crianças, pois no fundo estas áreas são representações do seu quotidiano.



Figura 5. Área do Jogo Simbólico

Área das construções - é uma área que o grupo gosta bastante. É uma área que contém vários materiais que permitem às crianças realizarem algumas construções, geralmente optam por realizar as mesmas a pares ou em pequenos grupos. As crianças podem inventar os seus próprios jogos e recriar realidades.

Nesta área existem vários tipos de legos e com diferentes formas, texturas e tamanhos (como se pode ver pela figura nº 6), pelo que desperta o interesse do grupo. Sendo os mesmos guardados em caixas transparentes, de forma a facilitar a identificação. Esta área encontra-se perto da área do tapete, permitindo que o grupo utilize o tapete para realizar as suas construções.



Figura 6. Área das Construções

Área da Garagem - Zona de carácter lúdico é um espaço de socialização onde podemos também encontrar nesse espaço carros com as mais variadas características, nomeadamente diferentes cores, tamanhos, formatos, permitindo que as crianças comecem a ter noções lógicas, espaciais e de quantidade. É uma área que permite a interação entre as crianças do grupo,

promovendo ainda a possibilidade de desempenhar papéis sociais, sendo ainda possível nesta área as crianças recriarem algumas profissões (taxistas, mecânicos, camionistas, entre outros).

Esta área apesar de muito importante, uma vez que permite desenvolver inúmeras competências de cada criança, encontra-se muito pobre e desprovida de características que fomentem a curiosidade e a procura das crianças do grupo por este espaço, uma vez que apenas consiste numa caixa de plástico onde os carros são armazenados, como ilustra a figura nº7, devendo ser esta uma das áreas que carece de especial atenção e reestruturação de forma a promover a sua utilização por parte das crianças do grupo.

Contudo existe um ponto forte nesta área é que a mesma apresenta carros de diferentes tamanhos, cores e materiais o que proporciona que seja uma área promissora, para que essa questão ocorra deve ser feita uma intervenção de forma a torná-la mais estimulante e desafiadora para as crianças.



Figura 7. Área da garagem

Área dos animais: Nesta área é possível encontrar vários animais que as crianças podem utilizar nas suas brincadeiras. Os animais são muitas vezes utilizados pelas crianças noutras áreas de brincadeira, nomeadamente, na área da casinha, na área das construções e na área do tapete. Esta área, à semelhança da área da garagem é uma das menos utilizadas pelas crianças, possivelmente por não existirem materiais apelativos que captem a atenção do grupo, ou por existir necessidade de criar curiosidade sobre este tema. Como tal, esta é uma das áreas que carece de intervenção de forma a criar curiosidade e despertar o interesse do grupo por esta área.



Figura 8. Área dos Animais

Área da Expressão Plástica - nesta área encontra-se uma mesa com bancos e um pequeno móvel com plasticinas de diferentes cores. Este material encontra-se organizado em caixas transparentes, num pequeno móvel de plástico de fácil acesso às crianças. Relativamente aos desenhos, pinturas, colagens ocorrem também nesta área sendo que a mesma é organizada para esse efeito. Nesta área existe uma mesa em círculo o que permite a formação de pequenos grupos, permitindo assim estabelecer relações. É uma área que aos poucos tem demonstrado e despertado o interesse por parte das crianças da sala, sendo que as mesmas fazem diversas construções com a plasticina, na figura nº 9 é possível visualizar algumas crianças a brincar nesta área.



Figura 9. Área da Plasticina

A outra sala é denominada “sala de trabalho” onde podemos encontrar as seguintes áreas:

Área dos Jogos Didáticos - Esta área possui jogos, puzzles, enfiamentos que permitem estimular a concentração, o raciocínio e a motricidade.

Nesta área existem diversos jogos ao alcance das crianças que permite que as mesmas tenham acesso a vários recursos pedagógicos desenvolvendo a autonomia bem como novas capacidades. Nesta área as crianças realizam atividades com conteúdos matemáticos nomeadamente comparações, seriações, sequências, tamanhos, pesos, formas e cores. Têm ainda contacto com materiais que promovem noções de lateralidade, noções espaciais, como os puzzles que contenham linguagem escrita como por exemplo silábicos, composição e reprodução de palavras, dominós alfabéticos, de vogais, de fonemas, jogos fonológicos, entre outros.

Os jogos encontram-se guardados no armário em prateleiras baixas de forma a ser possível o acesso por parte das crianças, contudo para usar os mesmos existem regras que cada um tem que cumprir, nomeadamente:

1. Tirar um jogo de cada vez;
2. Quando o terminarem devem arrumar o jogo no armário e ter em atenção as peças de forma a não ficar nenhuma perdida;
3. Os jogos podem ser realizados na mesa quando não existir mesas disponíveis podem realizar o mesmo no tapete.

Estes jogos podem ser realizados em mesas e cadeiras que se encontram junto do móvel em que os mesmos estão guardados, permitindo assim sentarem-se e manipularem os materiais como pretenderem. Na figura nº 10 é possível observar a área em questão.



Figura 10. Área dos Jogos Didáticos

Área da Biblioteca - É uma área que tem como finalidade estimular a criança para a leitura. Encontra-se situada num local calmo, com luz natural, visto que está situada ao pé de uma janela. Esta área contém um “sofá” com almofadas para que as crianças se sintam confortáveis, possibilitando assim momentos a pares como de partilha, exploração e estimulação para o interesse pela leitura.

Na biblioteca podemos encontrar diversos livros nomeadamente livros de histórias infantis, enciclopédias, livros com atividades de trabalhos manuais, de escrita ou de matemática, revistas e bandas desenhadas, permitindo assim que o grupo tenha contacto com diversos livros. Os livros encontram-se organizados de forma a destacar a sua capa, permitindo que as crianças os identifiquem permitindo assim que saibam o que estão a manipular e o que cada um contém.

Ao longo do ano nesta área são inseridos vários livros: livros de histórias, enciclopédias, contos, livros de rima, provérbios, entre outros. Para além dos mencionados anteriormente coloca-se ainda jornais e revistas. Assim as crianças têm contacto com diferentes livros e diferentes formas de leitura. Os livros podem ser manuseados no sofá ou nas mesas que se encontram próximas desta área.

É uma área que as crianças procuram com alguma frequência e se sentam para folhear os livros e contarem histórias uns aos outros. Muitas vezes imitam o que eu e a educadora cooperante dizemos ou fazemos quando estamos a contar uma história.



Figura 11. Área da Biblioteca

Área de Trabalho - possui duas mesas retangulares adequadas ao tamanho das crianças, para que consigam realizar as atividades propostas. Esta área é utilizada durante atividades orientadas e/ou atividades que as crianças pretendem realizar nomeadamente: desenhos, a exploração de materiais manipuláveis como blocos lógicos, *cuisenaire*, entre outros.

É uma área muito usada para a realização de pequenas atividades desenvolvidas por mim ou pela educadora cooperante, é usada ainda para a realização de desenhos, conforme pode ser observado na figura nº12.

O grupo de crianças da sala das cores gosta bastante de desenhar, o que muitas vezes gera que as mesas estejam ocupadas pelas mesmas com os lápis de cera, lápis de cor ou canetas, pois todas elas estão ao alcance das crianças e são as mesmas que escolhem quais querem usar.



Figura 12. Área de Trabalho

Nesta área encontra-se também gavetas devidamente identificadas com o nome de cada criança onde guardam os seus trabalhos. Numa das paredes encontra-se o quadro do tempo e

do dia, através do mesmo as crianças marcam o dia da semana, o mês e o tempo. No que diz respeito ao tempo as crianças colam a imagem consoante o tempo que faz nesse dia.



Figura 13. Imagem alusiva ao calendário do tempo e às gavetas para guardar os trabalhos

Área da Música - a área de expressão musical é extremamente importante para as crianças, sendo que a mesma deve estar presente desde muito cedo na vida das crianças. O contacto com diferentes tipos de música permite que as crianças desenvolvam a concentração, sensibilidade, coordenação, memorização, desenvolvimento motor, trabalho em equipa e desenvolvam a imaginação. É uma área usada com alguma frequência para realizar pequenos jogos com músicas ou mesmo pequenas sessões de relaxamento.

Nota de Campo Nº 2

Dia: 11/10/2017

Contexto Observado: Breves anotações referentes à sala.

Os materiais presentes na sala encontram-se ao alcance das crianças, pelo que é fácil o seu manuseamento e utilização. As crianças têm acesso aos armários da sala e às gavetas, podendo retirar os materiais que pretendem.

As áreas anteriormente referenciadas são expressão da intencionalidade educativa, e encontram-se organizadas para potenciar aprendizagens nas mais diversas áreas de conteúdo, pois cada área tem uma função e finalidades educativas específicas.

Do ponto de vista da utilização do espaço, a mesma está condicionada, não só pela hora do dia, mas também pelo tipo de atividade que irá ser desenvolvida com o grupo, pois existem momentos de brincadeira livre em sala, onde as crianças podem utilizar todas as Áreas existentes na sala das cores para poder brincar, existem atividades orientadas que dependendo

do seu gênero podem ser realizadas na sala de trabalho, no tapete, na área da leitura, ou numa outra área que a educadora cooperante sinta que faz sentido utilizar. É importante salientar que existem algumas atividades que são realizadas fora da instituição, nomeadamente a Ed. Física, a Natação, o ballet, o teatro e o taekwondo são realizados em infraestruturas, não pertencentes à instituição. Na tabela 1 é possível observar um dia tipo na Sala das Cores, de forma a ter um conhecimento completo de quando as atividades extracurriculares são efetuadas pode consultar o anexo 8.8.3.

Tabela 1: *Dia tipo da Sala das Cores*

Quando?	O que fazem?	Onde?	Com quem estão?
07:30/9:00	Acolhimento	Sala de Acolhimento	Auxiliares
9:15/09:30	Entrada para a sala de aula	Sala de aula	Educadora e Auxiliar
09:30/09:45	Canção dos bons dias	Sala de aula	Educadora e Auxiliar
09:45/11:45	Brincadeira livre/Atividade orientada/Atividade extra-curricular	Sala de aula / Sala exterior à Instituição	Educadora e Auxiliar/ Professor da atividade extracurricular
12:00/12:15	Higiene	Casa de Banho	Sozinhos
12:15/12:45	Almoço	Refeitório	Educadora e Auxiliar
13:00/13:15	Higiene	Casa de Banho	Sozinhos
13:15/15:30	Brincadeira livre/Atividade orientada/Atividade extra-curricular	Sala de aula / Sala exterior à Instituição	Educadora e Auxiliar/ Professor da atividade extracurricular
15:30/16:00	Higiene	Casa de Banho	Sozinhos
16:00/16:30	Lanche	Refeitório	Educadora e Auxiliar
16:30/17:30	Brincadeira livre/Atividade orientada/Atividade extra-curricular	Sala de aula / Sala exterior à Instituição	Educadora e Auxiliar/ Professor da atividade extracurricular
17:30/19:30	Prolongamento	Recreio ou Sala das Brincadeiras	Auxiliar
19:30 – Encerramento da Instituição			

A existência do dia tipo, permite à Educadora, organizar quais as melhores alturas para realizar atividades orientadas e quais as alturas do dia em que deve deixar as crianças ter momentos de brincadeira livre.

Conforme pode ser observado pela tabela nº1, a instituição abre as 07:30, o acolhimento é feito por duas auxiliares, numa sala própria para o efeito ou caso esteja bom tempo o acolhimento é realizado no recreio.

Às 08:30, entra uma educadora que divide o grupo e fica com as duas salas de 3 anos, normalmente leva-os para outra sala, deixando o restante grupo com as duas auxiliares. Por volta das 09:15 as crianças vão para as respetivas salas, com a respetiva Educadora e Auxiliar.

Na sala das Cores, dia começa com a reunião do tapete, sendo escolhida uma das crianças do grupo para fazer a chamada para a marcação das presenças, indicar o tempo e marcar o dia no calendário. É a partir deste momento que se partilha os acontecimentos do fim de semana e se fala sobre as atividades que vão ser desenvolvidas.

No período da manhã, dependendo do dia da semana é lançada a atividade orientado ou decorrem atividades extracurriculares, como se pode observar na tabela nº1, é possível visualizar com maior detalhe o horário semanal no anexo 8.8.3. Relativamente às atividades extracurriculares, como nem todas as crianças têm as mesmas atividades, as crianças que não têm alguma das atividades fica na sala dos 4 anos (Sala Amarela) durante a realização da mesma.

A higiene é realizada entre as 12:00 e as 12:15 as crianças vão à casa de banho sozinhas, pois já são bastante autónomas. O almoço decorre no refeitório que fica situado no outro edifício, onde se encontra as salas de berçário e as salas de 1 ano. O mesmo decorre entre as 12:15 e as 12:45 estando presente a educadora e a auxiliar para ajudar o grupo.

Após o almoço o grupo vai à casa de banho antes de ir para a sala ou para o recreio, esta questão irá depender do tempo e se têm ou não alguma atividade extracurricular. Caso esteja bom tempo o grupo fica com as restantes salas no recreio, se tiverem alguma atividade o grupo divide-se e os que têm algumas atividades extracurriculares ficam com os respetivos professores dessas atividades, caso não tenham ficam com a educadora ou com a auxiliar. Por volta do 15:30 o grupo começa a ir à casa de banho para realizarem a higiene antes do lanche. O lanche tem início às 16:00, nesse período está presente a educadora e a auxiliar, e tem a duração de 30 minutos, terminando às 16:30, depois de terminar o lanche o grupo vai para a sua sala ou para o recreio, onde permanecem até os pais os irem buscar.

Em suma é possível constatar que a organização temporal se encontra muito enraizada sendo a mesma um promotor de segurança fazendo com que as crianças se sintam seguras, sejam mais autónomas e consigam prever os vários momentos do dia.

3. Definição da Problemática

“(…) é importante que os espaços ofereçam às crianças uma variedade de objetos interessantes, com diferentes texturas e desafios motores diversificados, sem que se gere confusão ou que seja posta em causa a segurança da criança (…)”. (Portugal, 2010, p. 12).

A organização do ambiente educativo não só diz respeito ao espaço que as crianças dispõem, mas também das relações que as crianças estabelecem, nomeadamente entre crianças, adultos, materiais e do próprio tempo (Forneiro, 1998, p.232).

Quando se retrata o tema da organização do espaço em sala e como o mesmo promove a aprendizagem das crianças, não estamos apenas a referir a importância das práticas pedagógicas desenvolvidas, mas sim também da importância da organização da sala e como é que essa organização pode representar na aprendizagem das crianças.

Para o desenvolvimento da minha prática achei importante esclarecer o conceito de espaço e como o mesmo pode influenciar no desenvolvimento das aprendizagens das crianças.

O espaço pedagógico é extremamente importante pois não é apenas um espaço com cadeiras e materiais, mas sim um local que permite que as crianças se interroguem e comuniquem com outras crianças (Cunha, 2013, p.5). Pode-se concluir que a criança tem um papel ativo na construção do seu conhecimento, daí ser tão importante que esteja num ambiente desafiador, estimulante e aconchegante, permitindo assim estabelecer relações com os outros, e uma serie de competências, tais como: várias formas de linguagens e a criatividade. (Coutinho, 2002, p.8).

No decorrer da minha prática fui colocando algumas questões relativamente à organização do espaço em sala, nomeadamente a organização das áreas de interesses do grupo e dos materiais presentes. Sendo que apesar de a sala estar organizada por diferentes áreas, algumas dessas áreas o grupo não demonstra grande interesse pelas mesmas, o que gera que algumas das outras áreas tenham uma sobrelotação.

Como futura profissional da educação, o principal objetivo deste trabalho pretendo compreender como é que o espaço, materiais e tempo podem condicionar as aprendizagens das crianças. Assim sustentei a minha reflexão em dois eixos diferentes, mas complementares:

1 – Reflexão sobre o espaço existente, a sua adequação às rotinas e às características e necessidades das crianças. Esta reflexão será apoiada pela literatura existente, por observações, notas de campo e entrevistas às crianças e profissionais.

2 – Intervenção direta sobre algumas áreas consideradas menos fortes, e reflexão sobre essa intervenção.

Para uma especificação do objeto em estudo coloquei as seguintes questões orientadoras que me irão permitir aprofundar e esclarecer sobre a problemática em assunto.

- Qual a importância da sala estar dividida por áreas?
- Devemos atribuir estratégias e normas para a utilização de cada área?
- Todas as áreas são procuradas igualmente por parte das crianças? Quais as razões para uma maior ou menor escolha?
- Como podemos dinamizar as áreas menos escolhidas para uma procura equilibrada de forma a responder aos interesses e necessidades das crianças?

4. Opções Metodológicas

Ao longo do tempo, a investigação em educação, tem sofrido alterações, deixando de ser uma área dominada pela análise de dados ou teste de hipóteses, passando a promover uma metodologia de investigação que tem por base a descrição, a indução e o estudo das percepções pessoais. A este tipo de metodologia da investigação é designada por investigação qualitativa (Carmo & Ferreira, 1998).

A investigação qualitativa apresenta cinco características (Bogdan & Biklen, 1994):

- i. O ambiente onde decorre a investigação é a fonte dos dados, cabendo ao investigador analisá-los tendo conta o contexto em que a ação decorre;
- ii. A investigação é de carácter descritivo, ou seja, os dados recolhidos são palavras ou imagens, normalmente estes dados são captados através de registo fotográfico, entrevistas, notas de campo, vídeos, entre outros;
- iii. Os investigadores mostram-se mais interessados pelo processo do que pelos resultados finais obtidos;
- iv. Os investigadores analisam os seus dados de uma forma indutiva de forma a construir as suas próprias conclusões à medida que os dados vão sendo recolhidos e analisados;
- v. O investigador tem especial atenção às perspectivas dos participantes, para garantir que entendem o que os participantes vivenciam e a forma como interpretam o mundo que os rodeia.

Carmo e Freitas (1998, p.177) defendem que “A metodologia qualitativa incide mais nos processos (descrição e análise das ações, interações e discursos dos sujeitos) do que nos produtos. Tem mais a ver com o processo do que com os resultados”.

Desta forma, o propósito desta investigação, está inserido na metodologia qualitativa, por ter sido considerado o método que melhor se adequa à reflexão e interpretação da problemática associada à gestão e organização do espaço em sala e de forma o mesmo pode ser dinamizado para despertar o interesse das crianças pelas áreas menos procuradas. Assim, faz sentido que uma das características deste estudo seja a recolha dos dados no seu ambiente natural, onde o autor do estudo se assume como sendo instrumento principal nessa recolha de dados.

A recolha destes dados é feita utilizando os métodos de entrevista e da observação, contudo nenhum método deve ser excluído e devam ser utilizadas as técnicas de recolhas de dados que mais se adequem ao estudo em causa (Bell, 1997). As entrevistas foram utilizadas para recolher informação pertinente relativamente à organização do espaço em sala na perspetiva, não só da Educadora Cooperante, mas também do grupo de crianças.

Ao longo da minha prática supervisionada, a observação esteve sempre presente, e foi através dela que consegui definir a minha problemática, na obtenção de informação que permitiu obter os dados necessários para desenvolver a minha investigação.

Através dos dados e informações recolhidos, através dos dois métodos descritos anteriormente, utilizei a investigação-ação para dar continuidade ao meu trabalho de investigação. A investigação-ação consiste numa análise reflexiva com o propósito de aperfeiçoar determinada área (Máximo-Esteves, 2008).

A investigação-ação tem por base uma recolha de informações sistemáticas que permite identificar uma situação passível de ser otimizada através de intervenção direta (Bogdan & Biklen, 1994). No decorrer da minha prática, foram recolhidos os dados que permitiram identificar quais as áreas passíveis de melhoria, tendo intervindo em algumas dessas áreas modificando-as, com o propósito de as otimizar.

4.1. Instrumentos de Recolha de informação

O presente trabalho decorreu durante dezasseis semanas e encontra-se dividido em duas fases, a primeira fase teve como objetivo a observação das crianças e as suas interações com a educadora cooperante. Na segunda fase a educadora cooperante encontrava-se presente, contudo existiu uma intervenção direta da minha parte, permitindo que fosse dado continuidade ao seu trabalho, implementando metodologias alternativas de trabalho.

Estas duas fases foram acompanhadas, não só por observações diretas e participativas, mas também através da elaboração de notas de campo e registos fotográficos que permitiram registar e fundamentar todos os momentos vivenciados, com o propósito de tirar partido dos mesmos para desenvolver e fundamentar a minha prática. Segundo Gray (2012, p.320) “a observação não é simplesmente uma questão de olhar algo e depois anotar “factos”, ela é um processo complexo que combina sensação (vista, som, toque, cheiro e até mesmo gosto) e perceção. A observação vai para além das opiniões, interpretações e comportamentos, pois através deste método é possível avaliar as ações na prática”.

Durante a realização das atividades propostas, e ao longo da elaboração dos registros, senti a necessidade de compreender melhor o grupo, dessa forma procurei cingir-me por aspectos que considero fundamentais permitindo recolher evidências para implementar a minha prática, sendo eles: decidir o que observar, quando e onde observar e quais as finalidades desses registros.

Recorri também a notas de campo que foram cruciais para desenvolver o meu relatório, pois a partir das mesmas consegui registrar, interpretar e refletir sobre a importância das áreas no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. As notas de campo recolhidas dizem respeito a interações nas várias áreas, a momentos de brincadeiras livres ou orientadas e de atividades que foram desenvolvidas por mim.

Existiram notas de campo que não estão muito completas ou desenvolvidas, pois muitas vezes não conseguia anotar tudo, pelo que recorri a pequenas frases ou palavras soltas para mais tarde desenvolver num texto coerente, estruturado e devidamente claro que me permite desenvolver a minha prática.

Bogdan e Biklen (1994, p.150) defendem que as notas de campo passam pela “(...) descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas”, assim como, o registo de “(...) ideias, estratégias, reflexões e palpites”, ou seja, “(...) o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo”. Ou seja, a partir desses critérios é possível tirar partido dessas recolhas e aplicá-las no estudo que se pretende desenvolver, no presente caso consegui verificar as áreas da sala mais usadas, as menos usadas e as brincadeiras das crianças, fazendo com que pudesse desenvolver a prática dinamizando às áreas da sala que não eram utilizadas procurando ir de encontro às necessidades do grupo.

O registo fotográfico é um instrumento de recolha de dados que permite que seja mais fácil relembrar pequenos detalhes ou mesmo reparar em pormenores que na altura não foram tidos em consideração e que a partir de uma fotografia será possível efetuar uma reflexão mais tarde, por outro lado os registos permitem ao investigador comprova o que está escrito nas notas de campo (Bogdan & Biklen, 2010).

Analisando os meus registos, reparei que existiam algumas áreas eram mais procuradas do que outras. Considerando que o meu estudo tem por base a gestão e organização do espaço, achei pertinente “dar voz” às crianças em sala de forma a tentar compreender o motivo de tal acontecimento, realizei um pequeno questionário às crianças do grupo. Para garantir que as

respostas das crianças iam ao encontro do que procurava realizei uma conversa utilizando três questões: Qual a área que mais gostas? Qual a área que menos gostas? Porquê? as respostas a estas questões encontram-se no anexo 8.8.2.

Através deste pequeno questionário, foi possível identificar quais as áreas de maior e menor interesse por parte do grupo, mas mais importante foi possível dar voz às crianças e retirar ilações sobre quais os aspetos que deveriam ser melhorados do ponto de vista de quem utiliza as áreas, ou seja, do ponto de vista das crianças. As respostas dadas permitiram elaborar um gráfico quantitativo sobre as áreas de maior interesse e as áreas de menor interesse, de forma a identificar quais as áreas que necessitavam de intervenção.

Por outro lado, de forma a compreender porque motivo a sala estava organizada, quais os modelos que influenciaram essa mesma organização e quais as razões que estiveram na origem da criação das diferentes áreas, foi realizada uma entrevista à educadora cooperante. Desta forma, foi possível compreender a importância da organização da sala, do ponto de vista da educadora cooperante, por áreas e de forma as mesmas se podem adaptar e adequar ao desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

5. Organização do espaço em sala: Análise Reflexiva

5.1. O ambiente educativo – Análise das características e potencialidades

É importante reconhecer o papel da criança na Educação Pré-Escolar como um ser ativo, capaz de aprender e de desenvolver as suas capacidades “(...) de confiança, autonomia, iniciativa, empatia e autoestima (...)” (Brickman & Taylor, 1996, p. 18).

Dessa forma a minha intervenção recaiu na organização do espaço e a sua importância na aprendizagem das crianças, pois ao longo da minha observação foi um tema que me despertou interesse, fazendo-me repensar sobre a forma como a sala se encontrava organizada, e de que forma essa organização influenciava o processo de aprendizagem e aquisição de conhecimentos. Segundo Andrade (2011, p.12) “O espaço físico realmente disponível, a sua localização, o conjunto das suas características fixas, limitam, queiramos ou não, a imaginação pedagógica (...)”.

A sala das Cores, à semelhança da maioria das salas onde trabalhei, está organizada por áreas distintas, conforme referido no segundo capítulo do presente relatório, através da observação foi possível verificar que algumas das áreas não eram estimulantes, nem desafiavam a curiosidade das crianças para a sua utilização. Muito por culpa da forma como a área estava organizada e na maneira como os materiais se encontravam apresentados/arrumados, existiam algumas áreas que estavam definidas apenas por uma caixa de plástico com materiais lá dentro, conforme demonstrado nas fig.7 e 8 do presente relatório. As áreas que careciam de uma maior intervenção, por se encontrarem nessa situação eram a área da garagem, a área dos animais e a área da plasticina.

Sabendo que cada área assume uma função específica, e desempenha uma determinada função no desenvolvimento de características importantes de forma a promover um correto desenvolvimento das crianças.

No decorrer da minha prática de ensino supervisionado, analisei a forma como se encontravam distribuídas e delimitadas todas as áreas que fazem parte do espaço da sala das cores. Tendo consciência de que todas as áreas são importantes no desenvolvimento das crianças, através da observação e análise foi possível elaborar uma tabela síntese com os aspetos positivos e os aspetos a melhorar de cada uma das áreas existentes na sala das cores.

Tabela 2

Síntese de aspetos positivos e negativos de todas as áreas.

Área	Aspetos positivos	Aspetos a melhorar
Área do Tapete	É uma área onde se promove a comunicação, a partilha em grupo e o ponto de partida para as atividades propostas.	Deveria ser um pouco maior tendo em conta as dimensões do grupo.
Área do Jogo Simbólico (Casinha e mercearia)	Espaços distintos (casinha, mercearia, quarto) com materiais atrativos para as crianças que fazem parte do seu quotidiano. Materiais distintos promovendo a imaginação, o jogo simbólico, as interações e a socialização.	Área que está sempre sobrelotada o que gera alguns conflitos.
Área das Construções	É uma área que tem vários tipos de legos, com diferentes tamanhos, texturas, formas e cores. Promove a socialização e as interações pois permite que as crianças realizem construções em pequenos grupos.	É uma área que deveria ter uma maior dimensão pois muitas vezes leva que o grupo tenha que ocupar o local de passagem quando realizam construções maiores.
Área da Garagem	Carros de diferentes tamanhos, cores e formatos.	Tornar as zonas mais estimulantes e desafiadoras para o grupo;
Área dos Animais	Animais de vários habitats	Criação de materiais apelativos que despertem interesse e a curiosidade do grupo por estas áreas.
Área da Expressão Plástica	Possui plasticinas de diferentes cores devidamente organizadas em caixas transparentes ao alcance das crianças.	Colocação de mesas e bancos para o grupo se sentar e usufruir desse espaço para as suas “criações”.
Área dos Jogos Didáticos	É uma área que permite desenvolver a concentração, o raciocínio e a motricidade através de vários materiais lúdicos. Permite ainda desenvolver o sentido de responsabilidade e de estabelecer regras, ou seja, cada criança só pode tirar um jogo de cada vez e as peças têm que ser devidamente arrumadas.	Esta área encontra-se na sala de trabalho, o que leva a que as crianças procurem as áreas que se encontram na sala das brincadeiras em detrimento desta.
Área da Biblioteca	Pode-se encontrar diferentes livros (histórias infantis, enciclopédias, livros com atividades manuais, revistas, banda desenhada, entre outros). Possui um pequeno sofá com almofadas e luz natural o que torna esta área confortável e acolhedora. Ao longo do ano são retirados os livros danificados e inseridos novos.	É uma área que as crianças gostam, contudo encontra-se na sala de trabalho, o que leva a que as crianças procurem as áreas que se encontram na sala das brincadeiras em detrimento desta

Tabela 2 (cont)

Síntese de aspetos positivos e negativos de todas as áreas (Continuação).

Área	Aspetos positivos	Aspetos a melhorar
Área de Trabalho	Área usada para a realização de atividades orientadas, construção de puzzles ou para realizar desenhos.	Deveria ter mais cadeiras o que leva que o grupo se deite no chão para desenhar ou fazer puzzles. Contem apenas um pequeno rádio e está situado na sala de trabalho, o que leva a que o mesmo seja transportado para junto do tapete para realizar as atividades que envolvam música.
Área da Música	Área geralmente usada para jogos que envolvam música e sessões de relaxamento.	Repensar nesta área a nível de localização.

Analisando a tabela nº 2, é possível constatar que não existem apenas aspetos a melhorar, pois existem algumas áreas que pela sua especificidade e características devem ser consideradas como sendo uma mais-valia para o grupo. Contudo neste tipo de análise, é necessário “olhar” para a sala com espírito crítico, de forma a verificar o que pode ou não ser desafiador/estimulante para o grupo.

No âmbito da organização da sala, foi possível constatar que a mesma possui aspetos, que eu considero serem positivos, no que concerne à diversidade de materiais e a acessibilidade aos mesmos, por parte das crianças. Contudo existem áreas, que por diversas razões, nomeadamente, devido à sua sobrelotação, não serem estimulantes para as crianças, ou devido aos materiais presentes não estarem dispostos de uma forma desafiante.

As áreas a que me refiro, relativamente à sobrelotação, foram aquelas que ao longo da PES fui observando, como estando em constante sobrelotação, nomeadamente a Área do Jogo Simbólico (casinha e mercearia) e a Área das Construções, e sobre as quais as crianças foram “reclamando” sobre essa mesma sobrelotação (excertos retirados da entrevista às crianças que se encontra no anexo 8.2.2):

“A mercearia porque tem muitos meninos e eles não sabem brincar.” - Carlota

” A casinha porque está sempre muito “apertado.” - Gustavo A.

“A casinha porque está sempre muita confusão lá.” - Gustavo M.

Contrabalançando com as áreas de sobrelotação existiam determinadas áreas que quase não tinham utilização, o que me levou a procurar respostas para esse facto, algumas das

respostas surgiram através de observações, Notas de Campo, registos fotográficos, entrevista à Educadora Cooperante e ao questionário realizado às crianças, fui obtendo algumas respostas para a ausência das crianças em determinadas áreas.

Nota de Campo Nº 13

Dia: 9/11/17

Local: Sala das Cores

Contexto Observado: Brincadeira Livre

Após a hora de almoço o grupo estava a brincar nas várias áreas quando reparei que o Tomás estava sentado junto das caixas que contêm os carros. À sua frente tinha umas peças de lego encaixadas umas nas outras.

De repente virou a caixa ao contrário, espalhando os todos os carros pelo chão, perguntei ao Tomás o que estava a fazer, o mesmo respondeu “*Carla, estou a construir uma garagem*”.

Eu: Uma garagem?

Tomás: Sim uma garagem, assim posso brincar com os carros.

(...) Continuei a observar a brincadeira do Tomás (...) e rapidamente a Luísa F., o Gustavo A. e o Gustavo M. juntaram-se à brincadeira”.

Através desta Nota de Campo, foi possível constatar que as próprias crianças sentiam necessidade de ter outro tipo de materiais, de acordo com as suas necessidades, na Área da Garagem. Por outro lado, foi possível verificar que existiam outras áreas, para além da Área da Garagem, que as crianças pura e simplesmente não davam importância, nomeadamente a área dos animais, conforme pode ser constatado pelas respostas dadas por algumas crianças, no questionário sobre as áreas que menos gostam.

“Os animais porque não têm uma casa e não gosto de brincar com eles.” - Mafalda (Resposta retirada do questionário presente no anexo 8.8.2).

Através da resposta da Mafalda ao questionário, foi possível identificar que possivelmente os animais não eram atrativos, pois não tinham os seus habitats recriados de forma a tornar mais apelativa a utilização da área dos animais.

Considerando que a minha grande preocupação estava diretamente relacionada com a organização do espaço e qual o seu papel nas aprendizagens das crianças, e considerando que a investigação-ação tem por base uma recolha de informações sistemáticas que permite identificar uma situação passível de ser otimizada através de intervenção direta, procurei observar, ouvir ativamente e dar voz às crianças, pois elas são parte integrante deste processo.

De forma a dar voz ativa às crianças, foram realizadas pequenas entrevistas ao grupo, com o intuito de identificar qual (ais) a (s) área (s) de maior e menor interesse. A entrevista

consistiu em três perguntas, duas perguntas fechadas que permitiram identificar as áreas e uma pergunta aberta para que as crianças pudessem justificar as suas escolhas, com base nas suas respostas (ver anexo 8.2.1 e 8.2.2) foi possível, não só construir dois gráficos ilustrativos das respostas das crianças, mas também com base nas suas justificações tirar ilações sobre qual a melhor forma de intervir, para criar interesse por todas as áreas de igual forma. Considero, que do ponto de vista pedagógico todas as áreas presentes em sala, têm a sua importância para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

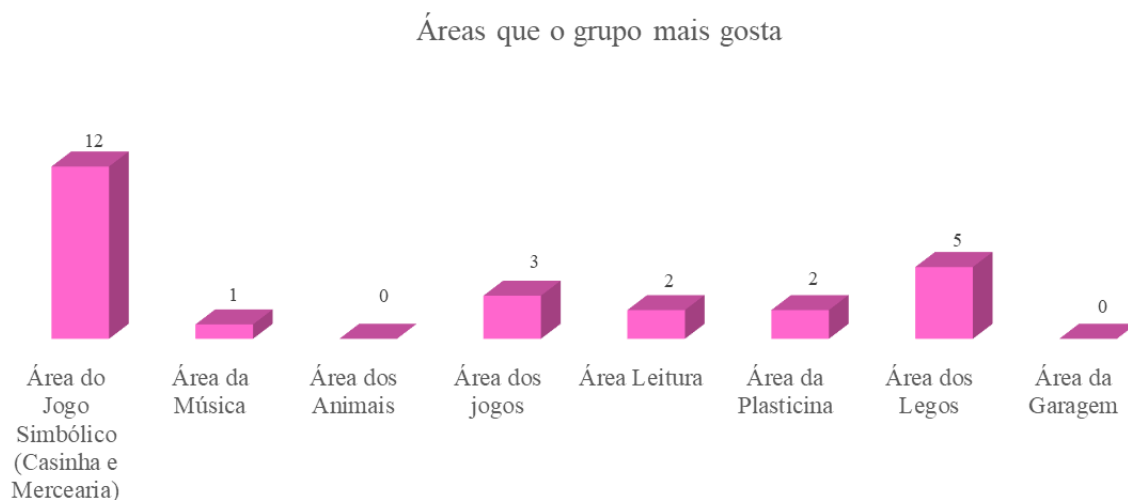


Figura 14. Gráfico Identificativo das áreas que o grupo mais gosta, antes da intervenção

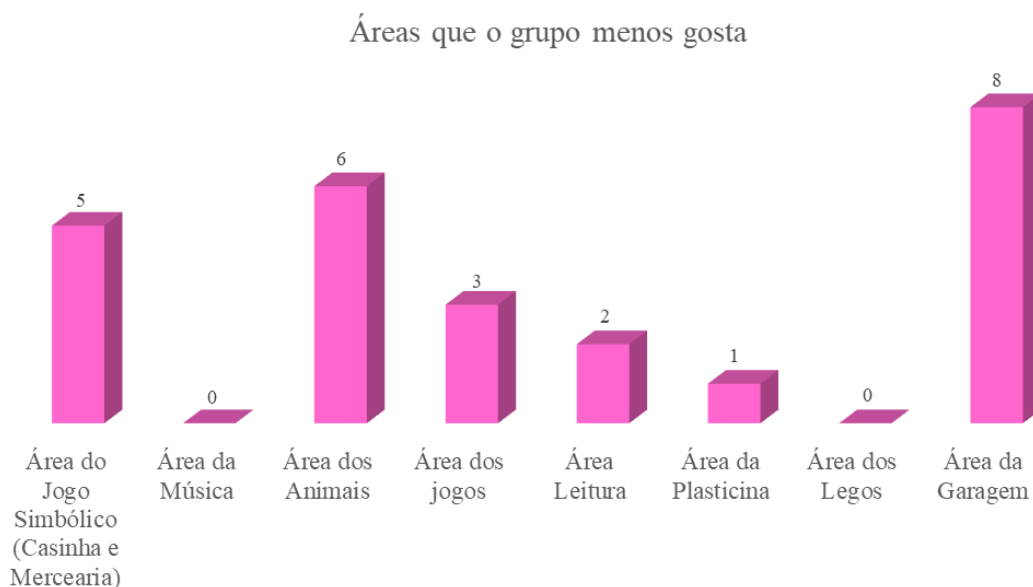


Figura 15. Gráfico Identificativo das áreas que o grupo menos gosta, antes da intervenção

Analisando os gráficos presentes nas figuras nº 14 e nº 15, é possível constatar que a maioria das crianças tem preferência pela área do Jogo Simbólico (Casinha e Mercearia) com 12 votos favoráveis, é também a terceira área que menos gostam, o que vai de encontro ao fenómeno da sobrelotação de áreas referido anteriormente. Por outro lado, tendo em conta as observações realizadas, era espectável que as áreas que as crianças menos gostam fossem a área da Garagem e dos Animais porque as consideram pouco apelativas.

Desta forma surgem dois problemas a solucionar relativamente à organização e dinamização do espaço, nomeadamente a questão da sobrelotação das áreas, tendo sido uma das questões que me acompanhou ao longo da minha intervenção, e a resposta para minimizar este efeito passa pela dinamização de outras áreas tornando-as estimulantes, desafiadoras e atrativas para o grupo. Acredito, porém, que nem todas as áreas necessitem de uma intervenção propriamente dita, algumas apenas precisam de ser utilizadas em atividades orientadas, de forma a despertar o interesse sobre as mesmas, desta forma o Educador assume um papel importante em fazer despertar o interesse da criança por determinadas áreas.

Como tal, elaborei um plano de intervenção, onde procurei sempre que o grupo tivesse uma voz ativa e que participasse na construção ou na melhoria das áreas que foram identificadas pelo grupo, como sendo as de menor interesse, pois desta forma as crianças ao serem parte integrante do processo ficam a conhecer todos os pormenores e novas brincadeiras que podem ser feitas nas áreas intervencionadas.

5.2. Intervenção desenvolvida no espaço

Após uma análise exaustiva do ambiente educativo, onde foi possível caracterizá-lo, identificando, não só as suas lacunas, mas também as suas potencialidades. Como referido anteriormente, era preciso elaborar um plano de intervenção de forma a dinamizar as áreas menos utilizadas, e criar atividades que permitissem ao grupo explorar e “aprender a gostar” das áreas com menor utilização. É importante salientar que existiu a necessidade de articular horários para a realização destas mesmas atividades, uma vez que a maioria das manhãs eram ocupadas com atividades extracurriculares, como pode ser observado pelo horário da sala na tabela nº 1 do presente relatório, e existiam ainda os conteúdos que a educadora cooperante pretendia desenvolver.

De forma, a manter a rotina do grupo, a maioria das atividades foram estruturadas para serem realizadas após o almoço, aproveitando o fato de o grupo já não dormir a sesta. As atividades foram elaboradas de forma a criar um fio condutor entre os conteúdos que a educadora cooperante estava a trabalhar, sem nunca perder o principal objetivo que era a dinamização das áreas. Com o intuito de sintetizar a minha intervenção, elaborei uma tabela que continha, não só os principais objetivos da intervenção, mas também os tópicos das atividades a desenvolver de forma a criar um fio condutor da intervenção realizada.

Tabela 3

Síntese de todas as intervenções a realizar.

Momentos	Estratégias implementadas:
1º Momento Identificação das várias áreas da sala e quais necessitam de Intervenção.	<ul style="list-style-type: none"> • Colocação de separadores nas áreas de forma a cada criança colocar a sua fotografia; • Identificação das áreas que necessitam de intervenção (através de entrevistas e observações); • Brainstorming de ideias (a partir de conversas com o grupo).
2º Momento Melhorar a Área da Garagem	<ul style="list-style-type: none"> • Requalificação da área da garagem; • Construção de uma garagem com materiais reciclados de forma a dinamizar a área em questão; • Jogo dos Sinais de trânsito (permitem não só a associação de outras áreas de conteúdo como também dinamizar a área da garagem).
3º Momento Dinamização da Área dos Animais	<ul style="list-style-type: none"> • Dinamização da área dos animais com a criação de habitats; • Recolher opiniões das crianças; • Pesquisa em livros e enciclopédias os vários habitats; • Escolha de um habitat e de um animal e respetiva ilustração. • Requalificação da área dos animais (construção de vários habitats com materiais diversificados).

O primeiro momento da minha intervenção recaiu sobre a identificação das áreas da sala que necessitavam de intervenção, tendo a identificação dessas áreas sido realizada através da observação de situações em sala e através dos questionários realizados às crianças.

Com o objetivo de incentivar o grupo a procurar outras áreas, foram criados separadores e colocados em cada uma das áreas, com o número máximo de crianças por área. Desta forma sempre que uma criança queria ir para determinada área tinha que colar a sua foto no separador, quando a área atingisse a sua lotação máxima as crianças tinham de procurar outra área para brincar, na figura 16 é possível verificar o separador com a respetiva lotação máxima. Esta intervenção apenas tinha como intuito minimizar o efeito da sobrelotação, contudo permitiu que as crianças adquirissem, noções de espaço, uma vez que começaram a ter uma noção de quantas crianças “cabem” em determinada área, e acima de tudo incutiu nas crianças a existência de regras que têm de ser cumpridas para que possam viver em perfeita harmonia com a sociedade que as rodeia (neste caso os colegas de sala) preparando-as para a sua vida futura.

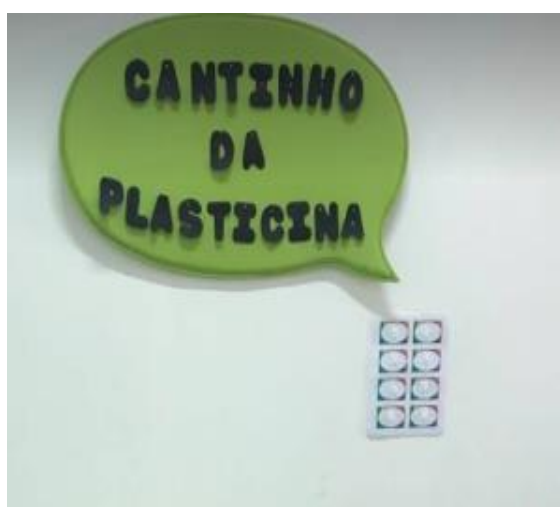


Figura 16. Exemplo de separadores colocados nas várias áreas

Inicialmente esta limitação do número de crianças por área, criou alguns conflitos entre as crianças, que tiveram que ser geridos por mim e pela educadora cooperante, pois todos queriam ir para as suas áreas favoritas, contudo o grupo aceitou as regras implementadas e com o tempo começaram a procurar outras áreas até então pouco procuradas pelo grupo, nomeadamente a área dos jogos.

Através de algumas observações após a implementação desta nova regra, foi possível identificar que a área dos jogos começou, a pouco e pouco, a ser procurada por alguns elementos do grupo, que começaram a demonstrar interesse em manipular os objetos presentes

nesta área. Existiu uma observação, que por ser particularmente interessante, resolvi registá-la no meu diário de bordo, pois espelha, de uma forma clara e notória, o despertar do interesse das crianças para novas áreas existentes em sala.

Nota de Campo N° 7

Dia: 20/10/2017

Contexto Observado: Realização de um Jogo

Durante a manhã a Valentina pediu-me para ir para a área dos jogos.

Eu disse que sim, colocou a sua fotografia na área dos jogos e deslocou-se até ao armário onde eram guardados os vários jogos.

Após ir até ao armário escolheu um jogo de associação de imagens aos números.

Começou por espalhar o jogo pela mesa para conseguir contar o número de imagens e fazer a associação.

Quando a Valentina começou a contar em voz alta dizendo “1, 2, 3” o Francisco e a Carlota sentaram-se para ajudar a fazer o puzzle.

A Valentina começou a contar novamente “1, 2, 3. Ah então são 3 leões esta peça é deste!”.

A Carlota agarrou no número 4 e na peça do quatro e deu à Valentina.

A Valentina respondeu: “Non, Non, agora não vou fazer esse, vou fazer o número 5!”.

Entretanto a Carlota levantou-se da mesa ficando a Valentina a acabar o puzzle e o Francisco a observá-la.

Na figura 17 é possível observar o jogo que foi utilizado pelas crianças nesta observação.



Figura 17. Imagem alusiva à realização do jogo

Analisando esta nota de campo, é possível refletir sobre a importância do uso de outras áreas por parte das crianças, pois no caso concreto dos jogos, os mesmos fazem parte integrante do desenvolvimento das crianças, pois a utilização de jogos no processo de aprendizagem das crianças é importante, uma vez que permite, não só a aquisição de conhecimentos importantes para o seu desenvolvimento, mas também fomenta o trabalho em equipa o que promove as relações sociais entre as crianças.

É uma área que se encontra equipada com vários jogos e puzzles, para Piaget (1990) “a atividade lúdica é o berço das atividades intelectuais da criança sendo por isso, indispensável à prática educativa”. Pelo que é essencial para o desenvolvimento da criança, pois a partir do mesmo a criança joga, assimila e permite ainda alterar a realidade em seu redor.

Por outro lado, os jogos desenvolvem o respeito pelas regras existentes, pois cada jogo tem as suas próprias regras, regras essas que têm de ser cumpridas.

Desta forma é importante que: “A disponibilidade e a utilização de materiais manipuláveis (colares de contas, cartões padronizados, tangram, material de cuisenaire, miras, puzzles, dominós, legos, etc.) são um apoio fundamental para a resolução de problemas e para a representação de conceitos matemáticos” (Silva et al, 2016, p.75).

É possível afirmar que a primeira intervenção surtiu algum efeito na medida em que a área dos jogos começou a ser mais procurada, o que me leva a concluir que a primeira intervenção foi realizada com sucesso, na medida em que consegui despertar o interesse e o entusiasmo do grupo por outras áreas.

Contudo, e apesar da primeira intervenção, ter corrido de uma forma positiva, foi possível observar que existiam algumas áreas, que apesar de tudo, continuavam como uma taxa de utilização muito reduzida por parte das crianças. Continuei a observar de uma forma atenta, de forma a identificar as áreas que continuavam com muito pouca utilização, cheguei à conclusão que as áreas de menor fluxo eram a área da garagem e a área dos animais.

A Área da Garagem é uma área que a meu ver encontra-se muito aquém das suas possibilidades, pois cinge-se apenas por uma caixa com vários carros lá dentro. Sendo que os materiais da mesma devem ser “materiais de exploração sensorial, construção, invenção, faz-de-conta e realização de jogos simples” (Hohmann & Weikart, 2003, p.174).

Dessa forma e como referido anteriormente, para que o meu plano de intervenção funcionasse, era necessário que o grupo tivesse uma voz ativa, foram realizadas duas pequenas entrevistas (anexo 8.2.1 e 8.2.2), onde mediante as respostas foi possível compreender porque motivo a Área da Casinha e da mercearia (Jogo Simbólico) era a que estava sempre sobrelotada (é a área favorita da maioria das crianças), por outro lado foi possível perceber porque motivo a Área da Garagem e a dos Animais eram as que tinham uma menor procura, eram as áreas que a maioria do grupo menos gostava.

Considerando perceber porque motivo pelo qual as duas áreas, referidas anteriormente, eram as que menos gostavam, iniciou-se uma pequena conversa no tapete sobre este tema,

quando questionei as crianças sobre o motivo pelo qual não gostavam da Área da garagem, foram obtidas diversas respostas.

Nota de Campo Nº 14

Dia: 10/11/2017

Contexto Observado: Dinamização da Área da Garagem: Recolha de ideias.

Foi então que o André disse: “Carla os carros não têm onde andar”.

Mafalda - “Têm sim o chão”.

Carlota: “Sim mas não à um sítio para andarem e ficarem lá”

Gustavo M.: “Podíamos fazer uma casa para os carros”.

A Carlota franziu a testa e perguntou “Uma casa?”.

Aproveitei para questionar ao grupo então e se construíssemos uma garagem?

O grupo rapidamente começou a levantar-se e a falar todo ao mesmo tempo, via-se o entusiasmo com que ficaram.

O Gustavo M. voltou a dizer “Uma garagem alta”

Rapidamente o grupo começou a dar inúmeras ideias, sendo que anotei as mesmas no meu Diário de Bordo de forma a que todas as opiniões ficassem registadas de forma a responder às necessidades e gostos de cada criança.

A L.O. disse: “Podia ser com várias cores porque a nossa sala é a Sala das Cores”.

L.F. “E rampas para carros descerem”.

G.A. “Rampas grandes para fazer corridas”.

Depois da conversa no tapete, recolhi as informações transmitidas pelas crianças e planifiquei a atividade referente à construção da garagem (Anexo 8.2.3)

A atividade decorreu no dia 15 de novembro da parte da manhã, de forma a ser possível a participação de todas as crianças no processo de pintura, foi necessário dividir o grupo em subgrupos de quatro crianças. Pois considero que a pintura estimula a criatividade, e a motricidade fina (pela forma como têm de agarrar nos pinceis para pintar), como tal achei pertinente a colaboração de todos. Foi notório o esforço de todas as crianças na colaboração desta construção. Na figura 18 é possível visualizar algumas etapas do processo de construção da garagem e o seu resultado final.



Figura 18. Imagem alusiva à atividade de construção da garagem

Um das principais dificuldades em dinamizar a Área da Garagem, está diretamente relacionado com o facto de a maioria das meninas achar que os carros são apenas para os meninos, como se pode observar pelas respostas dadas por algumas crianças na entrevista.

Garvey (1979, p.84) salienta que “os rapazes escolhem decididamente brinquedos de tipo ‘masculino’, tais como soldados ou camiões. Embora as raparigas tenham tendência para escolher bonecas e objetos domésticos, os seus interesses são geralmente mais versáteis. Por vezes também escolhem brinquedos masculinos, embora menos consistentemente do que os rapazes. As origens destas preferências podem ser, em grande parte, atribuídas aos comportamentos dos pais, à influência destes como modelos e à sua aprovação ou apoio, ao interesse manifestado por objetos sexualmente estereotipados.”

De forma combater este estereotipo criado e alimentado pela sociedade de que existem “brinquedos para meninos e para meninas” procurei introduzir um elemento novo, a garagem, um objeto totalmente novo, e fabricado com a ajuda de todas as crianças da sala, independentemente do serem do sexo masculino ou do sexo feminino.

A utilizar um elemento novo, que foi criado por todos, foi possível observar a curiosidade e a afluência à zona da garagem, não só por parte dos meninos, pois também as meninas quiseram brincar com a garagem, quebrando os preconceitos e os estereótipos existentes.

Nota de Campo Nº 18

Dia: 16,17 e 18/11/2017

Contexto Observado: Breves anotações da atividade da construção da garagem.

(...) Através da criação da garagem, as crianças foram sensibilizadas para a descoberta do meio onde estão inseridas, pois as garagens estão presentes no seu quotidiano (garagens dos prédios, dos centros comerciais, entre outros), despertando dessa forma a sua curiosidade natural e fomentando o seu desejo de saber mais e de se questionarem sobre o porquê das coisas.

Ao realizar esta intervenção, consegui não só dinamizar uma Área de menor procura, mas também trabalhar alguns conteúdos desenvolvimento do grupo, nomeadamente do Conhecimento do Mundo e da Expressão e Comunicação, mais concretamente do domínio da expressão Plástica/Artística, conteúdos presentes nas Orientações Curriculares para o Pré-Escolar. “Esta articulação entre áreas de desenvolvimento e aprendizagem assenta no reconhecimento que brincar é a atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender” (Silva et al, 2016, p.10)

Conforme referido anteriormente, existia a necessidade de conciliar as atividades para a dinamização das áreas identificadas, com os conteúdos que estavam a ser dados pela educadora cooperante. Tendo em consideração que estavam a ser noções de sobre figuras geométricas, e aproveitando para realizar mais uma atividade que despertasse o interesse do grupo para a área da garagem, decidi realizar uma atividade que envolvesse os sinais de trânsito e dessa forma fazer a ligação entre a dinamização da área e os conteúdos dados pela educadora cooperante. Dessa forma, planifiquei uma atividade denominada “Jogo dos Sinais de trânsito” que teve como objetivo identificar os sinais de trânsito bem como as figuras geométricas neles presentes. (Anexo 8.2.4)

Esta atividade permitiu que o grupo desenhasse e identificasse os sinais de trânsito e as figuras geométricas neles presentes, os sinais que desenharam coincidem com os que se encontram mais presentes no nosso dia-a-dia, nomeadamente o sinal da passadeira, o sinal de proibição o de cedência de passagem e os semáforos. Para a realização desta atividade foi utilizado papel em formato A3, lápis de cera, giz e uma plastificadora.

Nota de Campo Nº 21**Dia: 23 e 24/11/2017****Contexto Observado:** Anotações referentes à atividade realizada “O jogo dos Sinais de trânsito”.

De forma a iniciar a atividade resolvi questionar o grupo: “*Quais foram as figuras geométricas faladas ontem?*”

De imediato obtive algumas respostas por parte das crianças do grupo:

Sofia: “Círculo”

João C. “Quadrado”

Margarida: “Retângulo”

Valentina: “Triângulo”.

Após colocar a questão de partida e o grupo falar de alguns sinais que conhecia fiz um pequeno registo dos sinais que lhes eram familiares de forma a identificar as figuras geométricas e auxiliar no desenvolvimento da atividade. Considerei relevante falar da importância dos sinais de trânsito, de seguida questionei as crianças quais os sinais que conheciam, tem recebido algumas respostas, nomeadamente: a passadeira, o sinal de proibido, o semáforo dos carros e peões, a cedência de passagem para os peões, sinal de informação de hospital e o sinal de obrigatório seguir em frente.

À medida que o grupo me ia referindo os sinais ia desenhando os mesmos no chão com giz, permitindo assim questionar as figuras geométricas presentes em cada sinal bem como as suas características, ou seja o significado da cor verde, amarela e vermelho.

Nota de Campo Nº 21**Dia: 23 e 24/11/2017****Contexto Observado:** Anotações referentes à atividade realizada “O jogo dos Sinais de trânsito”.

(...) comecei a desenhar com o auxílio de giz no chão. Desenhei o sinal de proibido, o semáforo para os carros e para os peões, o sinal de travessia para os peões, o sinal de informação de hospital.

Posteriormente dividi o grupo em subgrupos de cinco elementos, permitindo trabalhar em cooperação. Cada grupo desenhou um sinal de trânsito que mais tarde serviu para a construção de um jogo. Para a realização do desenho as crianças usaram lápis de cera e uma folha em formato A3, pois os desenhos teriam que ficar maiores para poderem ser usados no percurso que seria feito.



Figura 19. Imagem ilustrativa da atividade dos sinais de trânsito

Aproveitei o facto da atividade ter de ser realizada em dois dias, de forma a não interferir com a rotina da sala, para plastificar os sinais de trânsito de forma a dar-lhes alguma resistência. No segundo dia da atividade, dei início ao jogo propriamente dito, pedi ao grupo para se sentar no tapete de forma a poder fazer uma revisão do que tinha sido falado no dia anterior, e de seguida solicitei a alguns elementos do grupo para desenharem uma estrada, utilizando giz, no chão e os restantes distribuía os sinais pela estrada desenhada. Foi possível observar que as crianças assimilaram as informações relativas aos semáforos, pois o sinal de proibido foi colocado pela Valentina junto à porta. Quando a questioneei sobre o motivo do sinal de proibido estar colocado naquele sítio, recebi a seguinte resposta: “Os bebés estão a dormir, não vamos sair”. Esta afirmação revela claramente que assimilou os conceitos chave da atividade.

No decorrer do percurso eu fui uma mediadora pois tinha que referir se o sinal estava verde, amarelo ou vermelho fazendo com que as crianças parassem ou avançassem mediante o que eu dissesse. Com isto pude ver quem sabia as regras dos sinais de trânsito falados em momento de grande grupo.



Figura 20. Imagem do Jogo dos Sinais de Trânsito

Após a realização da atividade surgiu uma situação que permitiu tirar algumas ilações relativamente à dinamização da garagem, pois após a realização da atividade dos sinais de trânsito, algumas crianças sugeriram fazer uns sinais de trânsito com o tamanho adequado para poderem ser utilizados na área da garagem.

Nota de Campo N° 21

Dia: 23 e 24/11/2017

Contexto Observado: Anotações referentes à atividade realizada “O jogo dos Sinais de trânsito”.

Esta questão surgiu quando o L. disse: “Carla podemos colocar os sinais na garagem?” Ao que respondi que eram muito grandes, então a L.F. respondeu: “Podemos fazer pequeninos que assim dá”.

Uma vez que partiu das crianças uma ideia para melhorar a Área da Garagem, resolvi deixá-las trabalhar no seu pequeno projeto de criação de sinais de trânsito para a garagem que juntos construímos.



Figura 21. Sinais feitos pelo grupo para a garagem

É possível concluir que o segundo momento de intervenção, foi de encontro ao pretendido, pois foi possível visualizar um claro aumento da utilização da Área da Garagem, o que revelou que as atividades realizadas nesta segunda etapa permitiram que as crianças adquirissem um certo entusiasmo em utilizar esta área. Ao verificar que ao realizar a segunda atividade, de imediato tiveram uma ideia para melhorar a garagem que tínhamos construído revela que o objetivo foi alcançado, uma vez que as crianças revelaram entusiasmo por esta área.

O terceiro momento de intervenção diz respeito à dinamização da área dos animais (Anexo 8.2.5), outra das áreas de menor interesse para as crianças do grupo da sala das cores, como pode ser constatado no gráfico da figura nº15, onde se encontram as respostas dadas pelas crianças relativamente à questão colocada sobre a área que menos gostam.

De forma a identificar qual o melhor momento para lançar o 3º momento da intervenção, realizei diversas observações durante as horas de brincadeira livre, e pude constatar que os animais eram muito pouco utilizados durante as suas brincadeiras, ficando os mesmos “abandonados a um canto da sala”. Para captar a atenção do grupo, resolvi sentar-me junto do mesmo e coloquei junto a mim um saco cheio de livros, dizendo que tinha trazido livros sobre animais e os seus habitats.

Nota de Campo Nº 31

Dia: 27/12/2017

Contexto Observado: Breves anotações da Atividade dos Habitats

Para garantir a atenção do grupo resolvi lançar uma questão ao grupo: “Sabem o que é um habitat?”. Assim que coloquei a questão surgiram várias respostas:

Luísa F. – “É um sítio onde os animais estão”.

André. – “É onde os animais vivem”.

Carolina. – “Um habitat é como uma casa, mas maior”.

Lourenço. – “São as casas deles”.

Sofia. – “Um habitat é onde os animais vivem e há muitos habitats”.

Tendo em conta as respostas dadas pelas crianças, resolvi explicar o que era um habitat, e afirmei que a Sofia tinha razão ao dizer que existiam vários habitats. Após as respostas resolvi dar início à atividade, que consistia em procurar animais nas enciclopédias que tinha trazido, desenhando-o e escrevendo o seu nome. De seguida, cada criança apresentou o animal escolhido ao grupo, indicando onde vive, o que come, e quais as suas cores.

Considerando a dimensão do grupo, o mesmo é constituído por 25 crianças, a atividade levou alguns dias, pois não foi possível que todas as crianças acabassem o seu desenho e apresentassem o seu animal ao grupo num único dia. Após todos terem apresentado o “seu” animal conversámos um pouco em grande grupo onde o mesmo terá escolhido 4 habitats nomeadamente: o oceano, a selva, o gelo e a floresta.

Terminadas as apresentações, resolvi conversar um pouco em grande grupo de forma a escolher quatro habitats para recriar, tendo sido escolhidos o oceano, a selva, o gelo e a floresta, uma vez que as crianças tiveram várias ideias para decorar os habitats, resolvi tomar nota de todas as ideias, uma vez que foi notório o envolvimento do grupo.

Nota de Campo Nº 31

Dia: 27/12/2017

Contexto Observado: Breves anotações da Atividade dos Habitats

(...) Relativamente ao Oceano o grupo propôs:

Miguel – “Podemos pintar Carla?”;

André – “E desenhar?”;

Sofia – “Podemos usar conchas para decorar o fundo do mar”;

Luísa O. – “E areia, também há no fundo do mar”.

Para a Floresta o que foi sugerido foi:

Francisco – “Terra. Na floresta há terra”;

Diogo V. – “Árvores e folhas”;

Lourenço – “Podemos fazer ninhos nas árvores”;

Cristiana – “Flores, muitas flores para eles comerem”.

Para a selva foi sugerido:

Luísa F. – “Também há árvores”;
Gustavo A. – “Um lago para beberem água”;
Mafalda – “Flores”;
Maria do Mar – “Lianas para baloiçarem nas árvores”.
E para o habitat do gelo foi sugerido:
André – “Uma gruta para os ursos”;
Diogo P – “Gelo”;
João C. – “Água”;
Valentina – “E não há mais no gelo é só isso Carla”

Para criar uma base para que as crianças pudessem pintar e desenhar, resolvi utilizar quatro placas de esferovite, tendo dividido o grupo em quatro subgrupos para que todos pudessem participar na ilustração de cada habitat, algumas crianças pintaram diretamente no esferovite, outros desenharam, em folhas A4 com lápis de cera, elementos pertencentes aos habitats, que foram plastificados de forma a serem colados nas placas de esferovite. Aproveitando as ideias dadas pelo grupo levei para a sala, terra, areia e cordas para fazer as lianas. Na figura nº 22 é possível observar o processo de construção dos habitats.

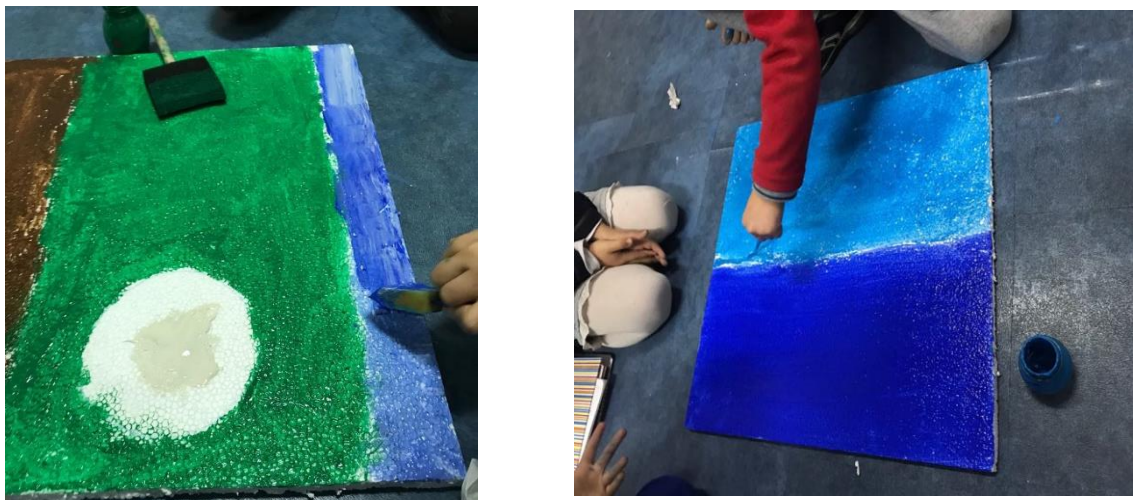


Figura 22. Imagens da construção de alguns dos habitats

Como futura educadora é importante envolver o grupo para temáticas que façam parte do seu quotidiano e ir ao encontro dos interesses das crianças, dando-lhes voz ativa nas atividades, dessa forma achei importante dar espaço para que escolhessem os habitats que seriam desenvolvidos. Tendo sempre em linha de pensamento, que o objetivo principal das intervenções era dinamização das áreas, promovendo o interesse e a curiosidade da criança

para as áreas que para elas eram de menor interesse. Dessa forma achei importante envolver o grupo de forma a dar-lhes voz ativa e decorar a área de acordo com as suas ideias e sugestões, de forma a que os mesmos ganhem empatia por um espaço que eles próprios ajudaram a construir. Por outro lado, a atividade permitiu que as crianças adquirissem conhecimentos sobre os animais existentes no nosso planeta, bem como a importância da preservação das espécies e dos seus habitats



Figura 23. Imagem do habitat Oceano



Figura 24. Imagem do habitat Selva

Relativamente a esta intervenção, considero que a mesma teve o resultado esperado, na medida em que despertou a curiosidade das crianças para o tema dos animais e consequentemente cativou o interesse das mesmas pela área dos animais.

De uma forma resumida, é possível constatar que todo o processo de intervenção correu de uma forma bastante positiva, tendo sido alcançados todos os objetivos propostos e pensados para a intervenção a realizar na sala das Cores. Conseguindo conciliar os conteúdos que estavam a ser dados pela educadora cooperante com as atividades escolhidas para colocar as crianças como objeto central na dinamização das áreas. Através desta intervenção, foi possível trabalhar vários conteúdos e várias áreas de conhecimento importantes para o desenvolvimento de cada criança. Por outro lado, ao colocar a criança no centro de todas as decisões, trabalhamos a sua autonomia e a sua capacidade de decisão, o que é importante na dinamização dos espaços, pois se queremos organizar uma sala e dinamizar todas as áreas, faz sentido dar voz às crianças ao longo de todo o processo de forma a criar áreas onde os mesmos se sintam confortáveis e estimulados para as utilizar. Conforme referido nas OCEPE “Ao participar ativamente no seu processo de aprendizagem, a criança vai mobilizar e integrar um conjunto de experiências, saberes e processos, atribuindo-lhe novos significados e encontrando formas próprias de resolver os problemas, o que lhe permite desenvolver não só a autonomia, mas também a criatividade. Dada a transversalidade da área de Formação Pessoal e Social, diversas

aprendizagens enunciadas nesta área são retomadas noutras áreas, entendendo-se essas aprendizagens como correspondendo a um processo progressivo que, realizado ao longo da educação pré-escolar, terá continuidade ao longo da vida. (Silva et al, 2016, p.34).

6. Considerações Finais

“A conclusão pode resumir aquilo que disse, associar duas opiniões dispares ou sugerir implicações para a investigação ou para a prática; é uma arrumação final como sobremesa ou o café, após a refeição” (Bogdan & Biklen, 1994, p.2).

Ao realizar este relatório, foi possível compreender a importância associada à organização do espaço e de que forma o mesmo intervém no desenvolvimento e no processo de aprendizagem das crianças. É importante refletir sobre esta temática de forma a melhorar o espaço educativo, criando áreas desafiadoras e que despertem nas crianças vontade em explorar as mesmas, pois cada Área tem os seus conteúdos próprios, e ao explorar todas as Áreas do Espaço Educativo a criança irá adquirir vastos conhecimentos e aprendizagens.

O Educador deve procurar compreender, de uma forma inequívoca, qual a importância da organização do espaço, e de que forma essa organização será benéfica para o grupo, e assim conseguir implementar as suas práticas educativas para criar condições ao grupo, potencializando dessa forma o seu desenvolvimento.

No decorrer de todo este trabalho, procurei realizar um papel de observadora atenta, de forma a evidenciar os aspetos positivos e as vantagens do espaço educativo em que estava inserida, a observação permitiu-me por outro lado, identificar as lacunas existentes, e dessa forma refletir sobre as mesmas, visando criar melhorias no processo de aprendizagem do grupo.

Este capítulo visa dar respostas às questões do estudo, sintetizando os resultados obtidos, através das intervenções realizadas ao longo da PES. Desta forma darei resposta a quatro perguntas, que serviram de linha orientadora de todo este trabalho, e que me permitiram aplicar e desenvolver a minha prática pedagógica em contexto de sala, nomeadamente:

- Qual a importância da sala estar dividida por áreas?
- Todas as áreas são procuradas igualmente por parte das crianças? Quais as razões para uma maior ou menor escolha?
- Devemos atribuir estratégias e normas para a utilização de cada área?

- Como podemos dinamizar as áreas menos escolhidas para uma procura equilibrada de forma a responder aos interesses e necessidades das crianças?

➤ **Qual a importância da sala estar dividida por áreas?**

Relativamente à organização do espaço, o mesmo deve ser organizado tendo em conta as características do grupo e as limitações do espaço físico (Cunha, 2013). Por outro lado, antes de responder à questão propriamente dita, é importante definir o conceito de Área, este termo é bastante conhecido na Educação Pré-Escolar e é utilizado para auxiliar o Educador na forma como intervém no processo de aprendizagem das crianças (Serrão & Carvalho, 2011).

Na minha perspetiva a organização do espaço por áreas bem definidas, ditam o tipo de atividades que aí se podem desenvolver, permitindo uma multiplicidade de ações que facilitam o desenvolvimento da autonomia das crianças. Pois a partir da criação das várias áreas existentes em sala, disponibilizamos ao grupo a oportunidade de desempenhar o contacto com o mundo imaginário (faz-de-conta), e desta forma podem reproduzir vivências e experiências presentes no seu quotidiano.

Segundo Silva et al (2016) a criação de áreas desperta a curiosidade nas crianças e “esta sua curiosidade é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades para aprofundar, relacionar e comunicar o que já conhece, bem como pelo contacto com novas situações que suscitam a sua curiosidade e o interesse por explorar, questionar, descobrir e compreender. A criança deve ser encorajada a construir as suas teorias e conhecimento acerca do mundo que a rodeia” (p.85). Desta forma, considero importante a criação de áreas, pois através das mesmas é possível, não só despertar a curiosidade e estimular a aprendizagem das crianças, mas também acabam por promover a alegria das crianças ao terem mais do que uma área para explorar, promovendo o gosto pela escola, e através da interligação entre as áreas potencia o desenvolvimento integrado (Zabalza, 1992).

A criação de áreas, por outro lado promove a capacidade de decisão por parte das crianças, pois existindo várias áreas, com diversos materiais a ser explorados, em momentos de brincadeira livre a criança terá que analisar todo o espaço existente e decidir em que área vai querer brincar, promovendo a capacidade de análise, decisão e autonomia das crianças. Por outro lado, a existência de áreas promove as relações sociais entre as crianças, senão vejamos uma criança que se encontre a brincar na área da casinha, terá que “ir às compras” de forma a adquirir alimentos para a “sua casa”, dessa forma terá que ir à área da mercearia e “comprar os alimentos” tendo dessa forma de interagir com a criança que estiver a brincar nessa área.

A existência de várias áreas, também auxilia o educador quando tem de fazer alguma atividade orientada, pois poderá utilizar uma área existente para promover essa mesma atividade de forma a facilitar a assimilação de conteúdos por parte das crianças.

Como futura educadora considero importante que a organização do espaço educativo por áreas, é um aspeto que devemos ter em consideração quando refletimos sobre o desenvolvimento das crianças, devendo o espaço ser acolhedor, cuidado, organizado e estimulante e conter diversificados permitindo que as crianças se identifiquem com o mesmo, adquiram aprendizagens significativas.

➤ **Todas as áreas são procuradas igualmente por parte das crianças? Quais as razões para uma maior ou menor escolha?**

Ao longo da minha prática supervisionada, foi possível constatar que nem todas as áreas são procuradas de igual forma, o que provoca variações de afluência entre as diversas áreas presentes em sala, por exemplo a Área da Casinha e da mercearia (área do jogo simbólico) tinha uma maior afluência, em detrimento de outras áreas menos procuradas, nomeadamente, a Área da Garagem e a Área dos Animais. Uma das razões apontadas pelas crianças, durante as entrevistas, são o tipo e a disposição de materiais, indicando mesmo que existem áreas onde os materiais são mais apelativos que outras. As diferenças entre as áreas eram de facto notórias, pois ao observar a área do jogo simbólico estava bem equipada, com vários utensílios de cozinha, de mercearia, uma panóplia de brinquedos que simulam objetos que fazem parte do quotidiano das crianças, contrariamente a outras áreas que continham apenas uma caixa de plástico onde se armazenavam os objetos, no caso da área da garagem existia somente uma caixa de plástico com os carros armazenados no seu interior, a área dos animais era igualmente uma caixa com os vários animais, independentemente do seu habitat, armazenados em conjunto numa caixa.

Tendo conhecimento que a disposição e a organização do espaço afetam o processo de aprendizagem das crianças, uma vez que afeta de uma forma direta o grau de atividade de cada criança e conseqüentemente do grupo como um todo (Hohmann, Banet & Weikart, 1995). Considerando que a criança tem um papel muito ativo ao longo do seu desenvolvimento é importante criar um ambiente desafiador e estimulante (Coutinho, 2002) daí ser importante identificar as áreas de menor afluência (por serem pouco estimulantes e desafiadoras) de forma a torná-las estimulantes aumentando a taxa de utilização das mesmas, pois todas as áreas são importantes para um bom desenvolvimento das crianças (Iglesias, 1996).

Outra das razões que poderá levar a uma menor afluência por parte das crianças poderá estar diretamente relacionado com o facto de as crianças considerarem algumas áreas, exclusivas apenas para um dos sexos, por exemplo algumas meninas responderam que a garagem é uma área só para os meninos, cabendo neste caso ao Educador criar atividades que potenciem a igualdade de géneros de forma a estimular as crianças a utilizar todas as áreas independentemente do seu género.

Por outro lado, esta questão auxiliou na verificação e identificação de quais as áreas com maior e menor taxa de utilização por parte das crianças, de forma a refletir sobre o tipo de intervenções a realizar, que tipo de atividades poderiam ser desenvolvidas em conjunto com o grupo de forma a estimular a utilização de todas as áreas, pois cada área é importante na medida em que cada uma potencia diversas aprendizagens.

No fundo esta questão serviu para ajudar-me a verificar e identificar as áreas mais utilizadas bem com as menos utilizadas pelo grupo, fazendo com que pensasse no trabalho a ser devolvido por mim juntamente com o grupo.

➤ **Devemos desenvolver estratégias e implementar normas para a utilização de cada área?**

Do ponto de vista do Educador é importante refletir sobre a importância da existência e normas no ensino pré-escolar, e posteriormente refletir se é necessário desenvolver estratégias e implementar normas que fomentem uma utilização harmoniosa das áreas em sala.

Considero importante na educação de infância serem estabelecidas regras pois as mesmas ajudam a criação e o fortalecimento de valores (Estrela, 2002). Pois é importante que a criança conviva com um conjunto de regras, contudo esse conjunto tem de ser adaptado à sua faixa etária, de forma a que as crianças as compreendam e possam identificar o que está certo ou errado (Montês, Gaspar & Picalho, 2010).

No início da minha Prática de Ensino Supervisionada, foi possível identificar alguns conflitos entre as crianças, mais especificamente na sala de atividades, pois devido ao excesso de procura de algumas áreas, nomeadamente a Área da Casinha e da Mercearia (área do jogo simbólico). Estes conflitos existiam, muito por culpa de não existirem algumas regras de bom funcionamento das áreas, devendo o Educador ao longo da sua prática desenvolver estratégias, que podem eventualmente passar pela criação de normas para a utilização de cada uma das áreas.

Desta forma existiu a necessidade de criar uma estratégia, através da implementação de uma norma de forma a minimizar os conflitos existentes na sala das atividades. Assim sendo foi definido um número máximo de crianças por cada área, bem como a permanência das mesmas por um determinado período de tempo. De forma a que todas as crianças possam brincar de igual forma nas suas áreas favoritas, promovendo desta forma igualdade de direitos para todas as crianças, e desta forma foi possível fazer uma correta gestão dos conflitos.

A criação desta estratégia e a implementação destas normas, originou o aumento da procura por outras áreas da sala, que até então eram menos utilizadas, acabando de certa forma por a implementação destas normas ser, até certo ponto, considerada uma estratégia para a dinamização da sala. Pois muitas das vezes, não basta apenas criar atividades que fomentem o interesse por outras áreas, é também necessário criar regras/normas que guiem o grupo na exploração e descoberta de materiais existentes noutras áreas. A implementação a norma da lotação de crianças por área, originou o aumento da utilização de outras áreas, nomeadamente a área dos jogos.

De uma forma resumida, o Educador deve definir normas e estratégias para a utilização de todas as áreas da sala, de forma a promover um ambiente educativo harmonioso, manter a sala organizada, e manter o grupo calmo e tranquilo para que possa tirar partido de todas as áreas na aquisição de competências e assimilação de conceitos importantes ao longo do seu processo de aprendizagem.

➤ **Como podemos dinamizar as áreas menos escolhidas para uma procura equilibrada de forma a responder aos interesses e necessidades das crianças?**

Antes de dar início à dinamização das áreas menos escolhidas por parte do grupo, é importante ouvir e dar “voz” às crianças, pois é para elas que o espaço é desenvolvido e organizado, como tal é importante ouvir as opiniões e os seus gostos e quais as necessidades sentidas pelo grupo, pois dessa forma recebemos de uma forma direta, através de opiniões ditas pelo grupo, ou de uma forma indireta, a partir de observações realizadas pelo educador durante a utilização do espaço por parte das crianças. Pois “é importante o educador ir observando como as crianças ocupam o espaço físico, como diferentes objetos são por elas utilizados, as situações em que as interações envolvendo as crianças são mais prolongadas, as atividades das quais elas mais tomam parte” (Oliveira, Mello, Vitória, & Ferreira, 2000, p.70).

Dessa forma, foram realizadas entrevistas às crianças de forma a identificar as áreas de menor procura e saber o motivo, e a partir daí desenvolver atividades que procurassem ir às

necessidades/interesses demonstrados pelas crianças na melhoria dessas áreas. Com o propósito e ouvir as propostas de melhoria através de uma pequena conversa desenvolvida na área do tapete.

Para garantir sucesso na dinamização das áreas é importante responder às necessidades das crianças com materiais apelativos, lançar atividades de uma forma diferente, e procurar fazer das crianças parte integrante desse processo. Como tal procurou-se envolver as crianças na criação de materiais que as próprias identificaram que faltavam em algumas áreas, nomeadamente uma garagem para a área dos carros, posteriormente a criação de sinais para poder ser utilizados na área da garagem e habitats para a área dos animais, as crianças ao fazer parte da organização do seu espaço, conseguem compreender a sua importância.

Algumas notas finais:

O Presente trabalho permitiu-me refletir sobre a forma como o educador de infância organiza o espaço-sala, e qual o seu papel no processo de aprendizagem das crianças. Ao recorrer a uma organização pensada e bem planeada, permite promover aprendizagens bastante significativas, que promovem o desenvolvimento das crianças. Ao integrar as crianças no processo de dinamização e organização do espaço, temos a garantia que o espaço será desafiador e estimulante para as crianças. Considero que a minha intervenção permitiu não só a transformação de uma sala sem identidade e pouco desafiadora numa área que esteticamente é mais apelativa e que permite que o grupo promova criatividade, imaginação, interações entre si e diversas brincadeiras que promovam aprendizagens significativas.

De certa forma o estudo desta problemática, foi importante para responder às minhas dúvidas/questões iniciais. Por outro lado, deu-me *know how* sobre de que forma, num futuro próximo, no papel do Educador poderei organizar o espaço e os materiais, tendo sempre em linha de pensamento as necessidades e interesses do grupo.

Por outro lado, é importante referir outro aspeto que verifiquei ao longo da realização da minha prática pedagógica, relativamente às áreas que apesar de possuírem materiais diversificados não eram devidamente dinamizadas. Muitas vezes não é a área que é pouco rica, muito pelo contrário, penso que quando essa questão acontece temos que “mostrar” ao grupo o quanto é que essa área pode ser divertida e desafiadora.

Como futura educadora de infância e após todo o trabalho desenvolvido e as observações realizadas penso que alteraria alguns aspetos na organização da sala nomeadamente: na área da música alteraria o lugar da mesma, permitindo que o grupo tivesse mais espaço para se

movimentar sem que seja necessário mudar o rádio de lugar. Relativamente à área de trabalho, alteraria o seu nome para o “Cantinho da Exploração”, pois tudo o que é realizado nessa área é uma exploração para o grupo, quer sejam conteúdos novos, ou conteúdos que já tinham sido falados e que são aprofundados.

É possível afirmar que o trabalho desenvolvido foi de extrema utilidade, não só para a minha formação profissional, mas também para a minha formação pessoal, pois de certa forma permitiu reconhecer as minhas dificuldades e saber criar condições para as ultrapassar. Pois, segundo Portugal (2009), “se inicialmente a preocupação dos jovens recém-licenciados em educação de infância se centra muito em si próprios (...), à medida que a experiência e maturidade tomam lugar, assiste-se a uma evolução significativa para uma prática centrada na tarefa.” (p. 12), ou seja, será através da experiência e maturidade adquirida em contexto profissional, com as diversas interações com as crianças, com a equipa educativa e com o próprio ambiente educativo e toda a sua organização que irei evoluir enquanto profissional da área de Educação.

7. Referências Bibliográficas

- Andrade, F. (2011), O espaço na Pedagogia-em-Participação. In: Oliveira-Formosinho, J. (org.). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia em Participação*. Porto: Porto Editora.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bertram, T., & Pascal, C. (2009). *Manual DQP - Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2010). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brickman, N. & Taylor, L. (1996). *Aprendizagem Ativa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bracinhas, I. (2014). *Regras e Comportamentos Sociais no Contexto de Creche e Jardim de Infância - Concepções e Práticas dos Educadores. Concepções das Crianças do Jardim de Infância*. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-Escolar. Setúbal: Escola Superior de Educação.
- Cardona, J., M. (2007). A Avaliação na Educação de infância: as paredes da sala também falam! Exemplos de alguns instrumentos de apoio. *Cadernos de Educação de Infância*, 8, 10-15.
- Calha, A. (2011). *Organizar o espaço da sala de actividades com (e não para) as crianças*. Relatório Final da Prática e Intervenção Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Portalegre, Escola Superior de Educação de Portalegre. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.26/2352>.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M., (1998), *Metodologia da Investigação – Guia para Auto aprendizagem*. Lisboa. Universidade Aberta.
- Cordeiro. M. (2012). *O livro da criança: Do 1 aos 5 anos*. (6ª ed). Lisboa: Esfera da Livros Editora.
- Craidy, C., M., & Kaercher, G., E., P. S. (2001). *Educação Infantil: Pra que te quero?*. Porto Alegre: Artmed.

- Coutinho, A., M., S. (2002). *As crianças no interior da creche: a educação e cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação*. Programa de Pós-Graduação em Educação. Brasil: Florianópolis.
- Coutinho, A. (2002). Educação Infantil: espaço de educação e cuidado. Educação de crianças de 0 a 6 anos, 07, 1-18.
- Cunha, L., C., S., (2013). *O enriquecimento do espaço pedagógico à luz de uma abordagem ativa* (Tese de Mestrado em Educação Pré-Escolar, Universidade do Minho). Recuperado de: <http://tinyurl.com/ktfe8hb>.
- Departamento da Educação Básica. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Departamento da educação Básica do Ministério da Educação. Lisboa. Editorial do Ministério da Educação.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (1994). *Handbook of qualitative Research*. Sage: Thousand Oaks.
- Domènech, J., & Viñas, J. (1997). *La organización del espacio y del tiempo en el centro educativo*. Barcelona: Editorial Graó.
- Estrela, M. (2002). *Relação Pedagógica, Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.
- Fitas, A., C., P. (2012). *A Avaliação das Aprendizagens na Educação Pré-Escolar: O Portfolio das Crianças*. (Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação, Portalegre). Recuperado de: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3686/1>.
- Filgueiras, M. (2010). *O Espaço e o seu impacto educativo: quais as principais características da gestão e organização do espaço sala em Educação Infantil*. (Tese de Mestrado em Administração e Gestão Educacional, Universidade Aberta. Lisboa. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.2/1575>
- Folque, M. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Revista Escola Moderna*, 5, 5-12.
- Folque, M. (2012). *O Aprender a Aprender no Pré-Escolar: O modelo Pedagógico do movimento da escola moderna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Forneiro, L., E. (1998). A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In: Zabalza, M. *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

- Gardner, H. (1994). *A criança pré-escolar: Como pensa e como a escola pode ensiná-la*. Artmed Editora
- Garvey, C. (1979). *Brincar*. Lisboa: Moraes Editores.
- Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real*. (2ª edição). Porto Alegre: Penso.
- Guinote, P. (2014). *Educação e Liberdade de Escolha*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Homem, C., Gomes, B., & Montalvão, R. (2009). Workshop vivencial para pais e filhos – A Importância da Criatividade. *Cadernos de Educação de Infância*, 88, 41-44.
- Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. P. (1984). *A Criança em Ação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. P. (1995). *A Criança em Ação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2003). *Educar a criança*. (2.ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, D., P. (2011). *Educar a Criança* (6ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Iglesias, L. F. (1996). La organización de los espacios en la educación infantil. Em M. A. Zabalza, *Calidad en la educación infantil* (pp. 235-285). Madrid: Narcea.
- Katz, L., Ruivo, J. B., da Silva, M. I., & Vasconcelos, T. (1998). *Qualidade e Projecto na Educação Pré - Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).
- Luís, H. & Calheiras, M. J. (2009). “Empenhamento Adulto” - uma estratégia de supervisão? In. Oliveira-Formosinho, J. (Coord.), *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias: Estudos de Caso*. Lisboa: Ministério da Educação – Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Marchão, A. (2013). O lugar dos livros no jardim de infância. *Revista Aprender n° 33*. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre, pp. 25-34.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação - Acção*. Porto: Porto Editora.

- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moura, C., M. (2009). Organização do Espaço no Contexto da Educação Infantil de Qualidade. *Revista Travessias*. 3, Recuperado de <http://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/3449/2743>
- Montês, A., Gaspar, S., & Piscalho, I. (2010). O Processo de Elaboração e Implementação de Regras no Jardim de Infância. *Revista Interações*, 15 .
- Niza, S., (2007). O modelo Curricular de educação pré-escolar da escola moderna portuguesa. In J., Oliveira-Formosinho, *Modelos Curriculares para a educação de infância*. Porto: Porto Editora.
- Niza, S. et al (2017). *Movimento da Escola Moderna*. Recuperado de endereço eletrónico: <http://www.movimentoescolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>
- Oliveira -Formosinho, J. (1996). *A contextualização do Modelo Curricular High-Scope no âmbito do Projeto de Infância*. Porto: Porto Editora
- Oliveira-Formosinho, J. (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (Org.). (2009c). *Desenvolvendo a qualidade em parcerias: Estudos de caso*. Lisboa: Ministério da Educação-Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Oliveira, Z., Mello, A., Vitória, T., & Ferreira, M. (2003). *Creches: Crianças, Faz de conta & cia*. (12.^a ed.). Rio de Janeiro: Petrópolis. Editora Vozes.
- Pablo, P. D., & Trueba, B. (1994). *Espacios Y Recursos para ti, para mí, para todos Diseñar ambientes en educación infantil*. Madrid: Editorial Escuela Española.
- Papalia, D., E., Olds, S., W., & Feldman, R., D. (2001). *O Mundo da Criança* (8^a ed). Lisboa: McGraw-Hill.
- Pascal, C., & Bertram, T. (1999). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias-nove estudos de caso*. Porto: Porto Editora.
- Pascal, C. & Bertram, T. (2000). O Projecto “Desenvolvendo a qualidade em parcerias” Sucessos e reflexões. *Revista Infância Educação e Práticas*, 4, 17-30.
- Piaget, J. (1990). *A Formação do Símbolo na criança*. Editora: Livros técnicos e Científicos.
- Portugal, G. (2000). *Qualidade em Educação de Infância. Toques Formativos*, n.º4, 5-10. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação de Bragança.

- Portugal, G. (2010). *No âmago da educação em creche – o primado das relações e a importância dos espaços. As questões do atendimento e educação da 1ª infância: investigação e práticas*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Rosa, D., M. & Silva, L., I., (2010). Por dentro de uma Prática de Jardim de Infância A Organização do Ambiente Educativo. *Da Investigação à Prática - Estudos e Natureza Educacional*, 1, 43-63.
- Rigolet, S. A. (2006). *Reestruturar a Casinha: Um Projecto Transdisciplinar*. Porto: Porto Editora.
- Rizzo, G. (2005). *Alfabetização Natural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Santos, J., *Ensinar-me a Ler o Mundo à Minha Volta*. (2007). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Serrão, M. & Carvalho, C. (2011, 15 de junho). O que dizem os educadores de infância sobre o jogo. *Iberoamericana de Educación*, p. 1-15.
- Silva, L., I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE).
- Spodek, B., & Saracho, O. (1998). *Ensinando Crianças de três a Oito Anos*. Porto Alegre: Artmed.
- Vasconcelos, T. (2009). Breve Resenha Histórica. In. T., Vasconcelos. *A Educação de Infância no Cruzamento de Fronteiras*. (pp. 14-16). Lisboa: Texto Editores.
- Veiga, F., Caldeira, N., S. & Melo, M. (2013). Psicologia da Educação. Teoria, Investigação e Aplicação Envolvimento dos Alunos na Escola. In. Veiga, H., F.(Coord.). *Gestão da Sala de Aula: Perspetiva Educacional*. (pp. 543 -581). Lisboa: Climepsi Editores
- Zabalza, M. A. (1992), *Didáctica da Educação Infantil*. Coleção Horizonte da Didáctica, Edições:Asa.
- Zabalza, M. A. (1996). *Calidad en la Educación Infantil*. Madrid: Narcea.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Zabalza, M. (2005). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

8. Anexos

8.1. Guião da Entrevista realizado à Educadora Cooperante

- 1- Gostaria de saber um pouco sobre o seu percurso. Qual foi a sua formação em que ano concluiu o curso? E quais as valências já esteve?

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico na Escola João de Deus, tendo terminado o mesmo no ano de 2013. Já estive nas valências de Creche e de Pré-Escolar.

- 2- Que importância dá à organização do espaço em sala?

A organização do espaço em sala é importante porque torna a sala mais acolhedora em vez de um espaço amplo e desconfortável. A organização da sala ajuda a organizar as rotinas e as próprias brincadeiras orientadas.

- 3- Poderia descrever essa organização.

Na organização da sala procurei que a mesma tivesse organizada por várias áreas que estimulassem o desenvolvimento do grupo, dessa forma organizei as mesmas pelas seguintes áreas: área da casinha e mercearia e construções (promovem o jogo simbólico e a imitação de situações do quotidiano), a área da plasticina que promove a motricidade, a imaginação e a criatividade, a área dos jogos que desenvolve o raciocínio lógico e ajuda a promover e a cumprir regras, a área do tapete que utilizo para partilhas em grande grupo, a área da música que permite que realize sessões de relaxamento e que o grupo tenha contacto com diferentes tipos de músicas, a área dos animais e da garagem que promove a imaginação e as interações e a área da leitura que permite que tenham contacto com livros.

4- Em que se baseou para organizar o espaço em sala por áreas?

Fui ao encontro das metodologias utilizadas na Instituição (MEM e High Scope), apesar da instituição não seguir os modelos de forma rígida o que permite que eu aplique o que considero importante para o pleno desenvolvimento da criança.

5- Porquê a escolha dessas áreas específicas em sala?

De forma criar áreas de interesse para todas as crianças do grupo, achei importante criar as áreas de forma a criar uma aprendizagem diversificada e rica em conteúdos. Por outro lado a existência de áreas vai permitir que as crianças possam explorar diversos conteúdos importantes para o seu desenvolvimento.

6- Identifica-se com algum modelo pedagógico? Qual?

Não me identifico com nenhum modelo pedagógico pois a minha formação base não foi estipulado nenhum modelo, utilizo um pouco de vários e o que considero mais vantajoso para o grupo. Nomeadamente o MEM, o High Scope e o Reggio Emilia.

7- Qual a área que o grupo prefere? E a que menos prefere?

A área que o grupo prefere é a Área do Jogo Simbólico (casinha e mercearia) e a que menos prefere a garagem e os animais.

8- Na sua opinião qual foi o motivo que levou o grupo a não gostar tanto da área que mencionou anteriormente.

Considero que são duas áreas que não sofreram pouca transformação até ao momento, para que as mesmas fossem mais desafiadoras deveriam ser dinamizadas de forma a tornarem-se mais apelativas.

9- A organização da sala é estática ou é flexível? Porquê?

Sim ao longo do ano caso sinta a necessidade mudo as áreas ou faço reestruturações nas mesmas, porque considero que o grupo deve ser devidamente estimulado e considerando que as crianças estão em constante processo evolutivo e os seus interesses podem variar ao longo do ano é imprescindível que a sala seja flexível de forma a adaptar-se a evolução do grupo.

8.2. Questionários realizados às crianças antes da dinamização das áreas

8.2.1. Questionário às crianças sobre a área que mais gostam

Qual(ais) é (são) a(s) que mais gostam? E porquê?

Ana: A casinha porque posso brincar aos pais e às mães.

André: Música porque dá para fazer muitos jogos com as cadeiras e arcos.

Carolina: Casinha porque posso brincar com o fogão e fazer a comida

Carlota: A casinha porque podemos brincar com as coisas de casa.

Cristiana: A Casinha porque gosto de fazer as coisas que a minha mãe faz em casa.

Dária: Casinha. Porque podemos brincar às mães e aos pais e assim tomamos conta das crianças.

Diogo V.: Os jogos porque dá para brincar com os amigos.

Diogo P.: Jogos porque gosto de juntas as peças.

Francisco: Os legos porque posso construir pistas grandes.

Gustavo M.: Gosto de duas, mas mais dos legos porque assim dá para construir muitas coisas diferentes.

Gustavo A.: Acho que ... a plasticina porque posso fazer o que quero.

João: Casinha que assim posso brincar com as meninas.

Lourenço: Os legos porque dão para fazer o que quero.

Luísa F.: Casinha ... por muitas coisas podemos fazer a comida, tomar conta dos bebés e dá para por a mesa.

Luísa O.: A casinha porque posso brincar com as meninas e assim posso arrumar as coisas como a mãe faz em casa.

Lígia: Os jogos porque gosto de descobrir as peças e juntar todas.

Marta: Legos porque posso brincar com o Gustavo aos hospitais e construir casas.

Miguel: Lego porque gosto de construir casas e pontes.

Mafalda: Casinha assim posso tomar conta dos bebés.

Margarida: Humm ... a casinha porque temos muito para brincar, temos muitas coisas e podemos fazer muita comida.

Maria do Mar: A casinha porque gosto de vestir e dar de comer aos nenucos.

Mariana: Casinha porque gosto de por a mesa e de fazer o comer.

Sofia: O cantinho da leitura porque gosto de histórias.

Tomás: O cantinho da leitura porque gosto de ver os livros e contar aos amigos.

Valentina: Plasticina porque gosto de construir coisas e se me enganar faço outra vez.

8.2.2. Questionário às crianças sobre a área que menos gostam

Qual(ais) é (são) a(s) que menos gostam? E porquê?

Ana: Os animais porque não gosto de brincar com eles.

André: A garagem porque só tem carros.

Carolina: Garagem porque é para os meninos.

Carlota: A mercearia porque tem muitos meninos e eles não sabem brincar.

Cristina: Animais porque não tem nada para brincar.

Dária: Os carros porque não gosto de andar com eles na mão.

Diogo V.: Garagem porque ... eu não gosto muito de andar com os carros.

Diogo P.: Os animais porque não se faz nada.

Francisco: O cantinho da Leitura porque não gosto de contar histórias.

Gustavo A.: A casinha porque está sempre muito “apertado”.

Gustavo M.: A casinha porque está sempre muita confusão lá.

João: Os jogos porque não gosto de fazer e não encontro as peças.

Luísa F.: A mercearia tem muitos meninos e eles não me dão os brinquedos para brincar.

Luísa O.: Os animais porque com os animais não se pode brincar a muita coisa.

Lourenço: A casinha porque tem muitos meninos e não dá para brincar.

Lívia: Os animais porque não acho piada brincar com eles.

Marta: Plasticina porque não gosto muito do tocar.

Mafalda: Os animais porque não têm uma casa e não gosto de brincar com eles.

Miguel: Os jogos porque não sei jogar muito bem.

Margarida: O cantinho da Leitura porque querem sempre brincar às escolas e mandar em mim e eu não gosto.

Maria do Mar: Os carros porque é para os meninos.

Mariana: Não gosto dos carros porque os meninos é que brincam com os carros,

Sofia: A garagem porque não têm com o que brincar.

Tomás: Puzzles porque são muito rápidos a montar e eu não consigo.

Valentina: Os carros porque não gosto de andar com eles pela sala.

8.2.3. Planificação: Construção da Garagem

Identificação da Atividade:		Construção da Garagem
Finalidade: Intencionalidade Educativa Qual a intenção?		Com esta atividade pretendo dinamizar e despertar o interesse pela área da garagem.
Recursos Humanos: Com quem?		Eu, grupo, educadora cooperante.
Metodologia	Procedimento Como? 1 - Como lançar a atividade? 2 - Como orientar no decorrer da ação? 3 - Como acabar a atividade e passar à ação seguinte? 4- Como avaliar os objetivos atingidos?	Esta atividade surgiu dos interesses e necessidades das crianças. Após a canção dos Bons Dias irei falar sobre a construção da Garagem. Começarei por mostrar os materiais que iríamos utilizar e como nos iríamos organizar enquanto grupo. Irei dividir o grupo em grupos de 4 permitindo assim que todos pintassem e decorassem a garagem. Depois de finalizar a montagem da garagem, serão formados grupos de quatro a cinco crianças de forma a que possam experimentar a garagem.
	Recurso Material	Cartão, tintas de várias cores, cola quente,
	Recurso Temporal	A atividade decorreu a 15 de novembro no período da manhã.
	Recurso Espacial	Na Sala das Cores
	Antecipação	Materiais devidamente preparados.

8.2.4. Planificação: O Jogo dos Sinais de Trânsito

Identificação da Atividade:		O Jogo dos Sinais de Trânsito
Finalidade: Intencionalidade Educativa Qual a intenção?		Com esta atividade pretendo identificar os sinais de trânsito bem como as figuras geométricas neles presentes.
Recursos Humanos: Com quem?		Eu, grupo, educadora cooperante.
Metodologia	Procedimento Como? 1 - Como lançar a atividade? 2 - Como orientar no decorrer da ação? 3 - Como acabar a atividade e passar à ação seguinte? 4- Como avaliar os objetivos atingidos?	Esta atividade surgiu no seguimento dos conteúdos matemáticos dados pela educadora cooperante e visto que vai ao encontro da atividade anterior (construção da garagem). Após o almoço sentarei o grupo no tapete e questionarei: “Quais foram as figuras geométricas que falamos da parte da manhã?”. Essa será a minha questão de partida para a atividade. Posteriormente irei perguntar “Que sinais de trânsito conhecem?”. Consoante as respostas irei desenhar com o giz no chão os sinais que cada grupo me referir. Permitindo assim questionar as figuras geométricas presentes em casa sinal bem como as suas características, ou seja, o significado do sinal verde, amarelo e vermelho. Irei dividir o grupo em pequenos grupos de 5, permitindo assim trabalhar em cooperação. Cada

		<p>grupo terá que desenhar um sinal de trânsito que mais tarde servirá para a construção de um jogo.</p> <p>Quando acabarem de desenhar irei explicar o que será feito com os mesmos.</p> <p>“Os sinais que desenharam vai servir para fazer um jogo com os sinais de trânsito, mas todos têm que os respeitar”.</p> <p>Então pedirei a 4 crianças para desenharem com giz um pequeno percurso na sala, quando terminarem o mesmo os sinais de trânsito serão colocados no chão permitindo assim saber se avançamos, paramos ou andamos com cuidado.</p> <p>Metade do grupo fará de peões e os restantes serão carros, permitindo assim gerar alguma dificuldade no percurso.</p> <p>Eu irei acompanhar o grupo no percurso dizendo se está verde ou vermelho, perante as minhas indicações o grupo avançará ou parará.</p> <p>Esta atividade permitirá que consolidem as figuras geométricas e que as identifiquem em materiais presentes no seu quotidiano.</p> <p>Permitirá ainda que apliquem os conhecimentos de situações do seu dia a dia num jogo.</p>
	<p>Recurso Material</p>	<p>Papel, lápis de cera, plastificadora, cartão e giz.</p>
	<p>Recurso Temporal</p>	<p>A atividade decorreu a 30 de novembro no período da tarde (após a hora de almoço).</p>
	<p>Recurso Espacial</p>	<p>Na Sala das Cores</p>

	Antecipação	Materiais devidamente preparados.
--	--------------------	-----------------------------------

8.2.5. Planificação: Construção de um habitat para os animais

Identificação da Atividade:		Construção de um habitat para os animais.
Finalidade: Intencionalidade Educativa Qual a intenção?		Com esta atividade pretendo dinamizar e despertar o interesse pela área dos animais e saber mais sobre os mesmos.
Recursos Humanos: Com quem?		Eu, grupo, educadora cooperante.
Metodologia	Procedimento Como? 1 - Como lançar a atividade? 2 - Como orientar no decorrer da ação? 3 - Como acabar a atividade e passar à ação seguinte? 4- Como avaliar os objetivos atingidos?	<p>Esta atividade surgiu ao analisar quais os interesses e as necessidades das crianças.</p> <p>Após a canção dos Bons Dias e algumas observações constatei que os animais não eram muito procurados.</p> <p>Após falarmos um pouco dos vários animais que o grupo conhece, perguntarei: “O que é um habitat?”</p> <p>Mediante as respostas lançarei a atividade, a atividade consiste em procurar animais nas enciclopédias que eu trouxe, um animal de um habitat específico.</p> <p>Após escolherem desenharam esse animal e escreveram o nome do mesmo.</p> <p>Assim que tiverem desenhado cada criança irá explicar ao grupo o animal que escolheu e onde vive e o que come.</p> <p>Essa será a primeira fase da atividade, após o registo estar feito serão criados 4 habitats para os animais (habitats que será o grupo a escolher mediante os desenhos e as suas respostas).</p>

		Os habitats serão criados pelo grupo pelo que poderão usar a imaginação bem como a cooperação para chegarem a um consenso.
	Recurso Material	Folhas de formato A4, lápis de cera, esferovite, tintas de várias cores e outros materiais que será o grupo a escolher.
	Recurso Temporal	Esta atividade decorreu entre 10 a 12 de Janeiro no período da manhã e à hora de almoço de forma a ser dada sequência.
	Recurso Espacial	Na Sala das Cores
	Antecipação	Materiais devidamente preparados, nomeadamente tintas, lápis, tesouras, cola.

8.2.6. Horário semanal da Sala das Cores

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
09:15	Recepção	Recepção	Recepção	Recepção	Recepção
09:30	Canção dos bons dias	Canção dos bons dias	Canção dos bons dias	Canção dos bons dias	Canção dos bons dias
09:45	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Natação
10:00	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	
10:15	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Ed. Física	
10:30	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Música	
10:45	Catequese	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Almoço
11:00	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Almoço	
11:15	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Almoço	Almoço
11:30	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Almoço	
11:45	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Almoço	Almoço
12:15	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Almoço	
12:45	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13:00	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene	
13:15	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada
13:30	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	
13:45	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada
14:00	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Teatro	Brincadeira livre/Atividade Orientada	
14:15	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Ballet	Teatro	Teatro	Brincadeira livre/Atividade Orientada
14:30	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada			
15:00	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada	Brincadeira livre/Atividade Orientada
15:30	Higiene	Higiene	Higiene	Higiene	
16:00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
16:30	Brincadeira Livre	Brincadeira Livre	Brincadeira Livre	Brincadeira Livre	
17:00	Brincadeira Livre	Brincadeira Livre	Brincadeira Livre	Brincadeira Livre	Brincadeira Livre
17:30	Brincadeira Livre	Brincadeira Livre	Brincadeira Livre	Brincadeira Livre	